



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

IVANDRA CARLA BOCALÃO

**DAS TELAS DA TV PARA A SALA DE AULA: UMA
PROPOSTA DE TRABALHO COM O TELEJORNAL NA
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

LONDRINA – PR
2021

IVANDRA CARLA BOCALÃO

**DAS TELAS DA TV PARA A SALA DE AULA: UMA
PROPOSTA DE TRABALHO COM O TELEJORNAL NAS
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação, do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Lopes Nascimento

LONDRINA – PR
2021

B664 BOCALAO, IVANDRA CARLA BOCALAO.

DAS TELAS DA TV PARA A SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE
TRABALHO COM O TELEJORNAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

/ IVANDRA CARLA BOCALAO BOCALAO. - Londrina, 2021.
75f.

Orientador: CLAUDIA LOPES NASCIMENTO.

Dissertação (Mestrado Profissional em Estudos da Linguagem) - Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Trabalho com o telejornal em sala por meio de leitura para o protagonismo e formação crítica do aluno. - Tese. I. NASCIMENTO, CLAUDIA LOPES NASCIMENTO. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cláudia Lopes Nascimento

Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^o Neil Armstrong Franco de Oliveira

Prof. Membro 2
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof.^o Dr.^a Letícia Jovelina Storto

Prof. Membro 3
Universidade Estadual do Norte do Paraná -
UENP

Prof.^a Dr.^a Elvira Lopes Nascimento

Prof. Membro 4
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 26 de agosto de 2021.

Aos meus filhos, Karen, Mateus e Lucas pelo que muito que são na vida que compartilhamos e ao meu esposo, Gilmar de Paula, pelo seu apoio e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

À professora, Doutora Cláudia Lopes Nascimento, orientadora e amiga, pela orientação segura e, sobretudo, pelo incentivo.

À professora, Doutora Letícia Jovelina Storto, por aceitar o convite como banca examinadora e pelas sugestões e críticas pertinentes ao exame de qualificação.

Ao professor, Doutor Neil Armstrong Franco de Oliveira, por aceitar como banca examinadora pelas sugestões e críticas pertinentes no exame de qualificação.

A todas as professoras do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, por compartilharem seus conhecimentos científicos, suas experiências que contribuíram grandemente para a minha formação profissional.

Aos colegas de turma do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Juntos compartilhamos conhecimentos nas diversas disciplinas do curso, somando-os, diminuindo assim as nossas barreiras do conhecer. Dividimos os saberes, multiplicando-os em experiências socializadas em cada aula. Com isso, otimizamos a nossa profissão.

BOCALÃO. Ivandra Carla. Das telas da TV para a sala de aula: Uma proposta de trabalho com o telejornal nas aulas de Língua Portuguesa. 75 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras) –Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2021.

RESUMO

O telejornal é visto como fonte de informação dos acontecimentos cotidianos para a maioria dos brasileiros, mas também como formador de opinião, uma vez que mobiliza fundamentos de sistema que trabalha a representação simbólica como meio de inclusão e exclusão social” (SAITO, 2014). A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) contempla, dentro das práticas de linguagem, o campo jornalístico-midiático, pois acredita que ele oportuniza o contato dos estudantes com as práticas relacionadas à informação e opinião, além de contribuir para a construção de conhecimentos e o desenvolvimento de competências nas práticas de linguagem. Com vista à importância da promoção de um debate interpretativo sobre o telejornal na escola, o Projeto “Telejornal em sala de aula” foi implementado em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. Para esse fim, com base na perspectiva dialógica de linguagem e da noção de gênero discursivo de Bakhtin (1997), recorreremos à concepção de multiletramento defendida por pesquisadores brasileiros como Rojo (2009), Rojo e Moura (2012), assim como nas pesquisas na área de Linguística Aplicada no que tange às ferramentas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa. O percurso metodológico escolhido foi o da pesquisa-ação. O objetivo geral da pesquisa foi apresentar uma proposta de trabalho com o telejornal, em uma perspectiva dialógica, tendo em vista levar os alunos a terem uma postura responsiva ativa mediante à sua recepção e produção, contribuindo para o seu multiletramento. Por meio da observação e da descrição da implementação das oficinas desenvolvidas no Projeto, foi constatado que houve: 1) maior interesse e protagonismo dos alunos; 2) desenvolvimento de uma postura responsiva ativa mediante à recepção do telejornal e, conseqüentemente, uma visão crítica dele; 3) desenvolvimento de capacidades de linguagem.

Palavras-Chave: Multiletramento; Telejornal; Ensino de Língua Portuguesa

BOCALÃO, Ivandra Carla. Das telas da TV para a sala de aula: Uma proposta de trabalho com o telejornal nas aulas de Língua Portuguesa. 75 folhas Trabalho de Conclusão de Curso Mestrado Profissional em Letras – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

ABSTRACT

The newscast is seen as a source of information on everyday events for most Brazilians, but also as an opinion maker, as it mobilizes the foundations of a system that works with symbolic representation as a means of social inclusion and exclusion” (SAITO, 2014). The Common National Curriculum Base - BNCC (BRASIL, 2018) includes, within the language practices, the journalistic-media field, as it believes that it provides opportunities for students to contact with practices related to information and opinion, in addition to contributing to the construction knowledge and the development of skills in language practices. With a view to the importance of promoting an interpretive debate on television news at school, the “Telejournal in the classroom” Project was implemented in a class of the 9th grade of Elementary School – Final Years. To this end, based on Bakhtin’s dialogic perspective of language and the notion of discursive genre (1997), we resorted to the concept of multiliteracy advocated by Brazilian researchers such as Rojo (2009), Rojo and Moura (2012), as well as in research in area of Applied Linguistics with regard to didactic tools for teaching Portuguese. The methodological path chosen was action research. The general objective of the research was to present a proposal for working with television news, in a dialogic perspective, with a view to taking students to an active responsive posture through its reception and production, contributing to its multiliteracy. Through observation and description of the implementation of the workshops developed in the Project, it was found that there was: 1) greater interest and protagonism from the students; 2) development of an active responsive posture upon reception of the newscast and, consequently, a critical view of it; 3) development of language skills.

Keywords: Multiliteracy; Newspaper; Portuguese Language Teaching

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1 – PERCURSO TEÓRICO | 16 |
| 1.1 O caráter dialógico da linguagem..... | 16 |
| 1.2 Práticas dialógicas de leitura/escuta e produção escrita..... | 19 |
| 1.3. Letramento e Multiletramento | 24 |
| CAPÍTULO 2 – A GRANDE MÍDIA E O TELEJORNAL | 29 |
| 2.1 A televisão..... | 29 |
| 2.2 O Telejornal..... | 30 |
| 2.2.1. Gênero: Notícia e Reportagem | 33 |
| CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA | 38 |
| 3.1 Natureza da pesquisa | 38 |
| 3.2 Projeto de leitura e produção de um telejornal em uma perspectiva dialógica..... | 39 |
| 3.2.1. Sujeitos de Pesquisa | 39 |
| 3.3 O trabalho com Oficinas Pedagógicas | 41 |
| CAPÍTULO 4 – implementação do PROJETO “TELEJORNAL EM SALA DE AULA | 44 |
| 4.1 Etapas da implementação do projeto | 44 |
| 4.2. Implementação do Projeto | 45 |
| 4.2.1.Oficina 1: “A Mídia Televisiva: Teia de Eventos Audiovisuais” | 45 |
| 4.2.2. Oficina 2 – “Jornalismo em Diferentes Mídias” | 47 |
| 4.2.3. Oficina 3 – “Notícia: Matéria-prima para o jornalismo” | 50 |
| 4.2.4.Oficina 4 – “O Telejornal” | 52 |
| 4.2.5.Oficina 5 – “A Construção do Telejornal” | 54 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 61 |
| REFERÊNCIAS | 63 |
| ANEXOS | 66 |
| APÊNDICE | 71 |

INTRODUÇÃO

A entrada no século 21 foi marcada por deslocamentos de várias ordens decorrentes das transformações do mundo contemporâneo advindas do processo de globalização e de suas implicações sociais. Entretanto, no final da primeira década, um acontecimento inesperado aplacou o mundo, trazendo o caos social: a disseminação do Coronavírus Sars-Cov-2, causador de uma das maiores pandemias da História da humanidade, acontecimento que, provavelmente, resultará em mudanças significativas no campo social, cultural, político, histórico e econômico.

Devido à grande propagação do vírus por alto índice de contaminação, houve uma desaceleração das atividades em nível global que, conseqüentemente, trouxe fortes impactos na rotina da população de diversos países e na economia, fato que contribuiu para uma postura negacionista por parte de alguns civis, líderes religiosos e políticos, o que dificultou o combate ao vírus e favoreceu para uma maior disseminação. A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi responsabilizada por omitir informações quando surgiu o primeiro caso de Covid-19, em 2019, e os veículos de comunicação que exercem o jornalismo e outras funções de comunicação informativa foram acusados de causarem alarde e não terem uma postura cuidadosa e responsável diante dos fatos anunciados. No Brasil não foi diferente. A postura de minimização da pandemia por parte do Governo Federal e de lideranças políticas e evangélicas fez a população pensar que tudo não passava de uma fraude, de uma histeria coletiva criada por uma narrativa inventada pela China para destruir os mercados e empregos no Ocidente. (MAIEROVITCH et.al., 2020). Na ocasião, a Organização Mundial da Saúde - OMS (2020) e as mídias também foram culpabilizadas pela opinião pública por criarem pânico sobre algo que não existia.

A população insegura diante de posturas tão distintas, de tantas informações desconstruídas e da grande circulação de informações falsas (*fake-news*) nas redes sociais, passou a buscar informações qualificadas no jornalismo profissional. Nunca o telejornalismo, mesmo com o notório avanço tecnológico e digital, principalmente, a *Internet* que despontou nas últimas décadas de forma avassaladora, teve tanta relevância, o que lhe garantiu um aumento considerável de audiência.

Nesse contexto pandêmico, mais do que nunca, o telejornal assumiu uma função pública pelo fato do Brasil ser um país que convive com a desigualdade social,

impossibilitando o acesso aos bens de consumo, culturais e direitos básicos como a saúde, educação, habitação e segurança, o que possibilita ao noticiário televisivo tornar-se o principal meio de comunicação e informação para uma parcela considerável da população brasileira.

Compondo o quadro de serviços considerados essenciais para a nação, o telejornal é visto como fonte de informação dos acontecimentos cotidianos para maioria dos brasileiros, mas também como formador de opinião e, até mesmo, como “responsável por um novo *ethos* social, uma vez que mobiliza fundamentos de sistema que trabalha a representação simbólica como meio de inclusão e exclusão social” (SAITO, 2014).

Podendo também atuar como uma ferramenta ideológica, provocando transformações sociais a partir dos seus discursos anunciados diariamente aos telespectadores brasileiros, pois ao relatar os acontecimentos, estabelece também uma realidade que causa influências nas práticas sociais, culturais e histórica (cf. BECKER, 2005). Fato que nos leva a refletir sobre a importância de o telejornal ser levado para escola e trabalhado de forma que possibilitasse aos alunos assumir diversos posicionamentos e práticas dialógicas que provocassem questionamentos e respostas ativas no pronunciamento do outro.

Sabemos que um trabalho efetivo com o telejornal deve levar em conta a leitura como atividade interacional altamente complexa de produção de sentidos. Nesse suporte, são veiculados vários gêneros que são construídos na interação texto-sujeitos e com base em elementos verbais e não verbais, já que se tratam de textos que têm em sua composição vários sistemas de linguagem (semióticas), portanto considerados multimodais e multissemióticos.

Caminhando, nesse sentido, está a Base Nacional Curricular Comum - BNCC (BRASIL, 2018), quando ressalta que o trabalho com a linguagem aborda o desenvolvimento a partir de textos em uma proposta enunciativa-discursiva, procurando estabelecer uma ponte entre os gêneros discursivos quanto a sua circulação social e a situação de produção a fim de promover o ensino e a aprendizagem contextualizado e significativo, com o uso da linguagem contemplando as práticas de linguagem em diversas mídias e semioses. Isto reforça que o papel do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver nos alunos a “ampliação dos letramentos de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais” que são constitutivas de diversas linguagens. (BRASIL, 2018, p. 68)

A BNCC contempla, dentro das práticas de linguagem, os campos de atuação que abrange o campo jornalístico-midiático. O documento norteador da educação defende a importância da contextualização do conhecimento escolar juntamente com as práticas que estão relacionadas as situações sociais do cotidiano, convergindo para uma realidade de contextos significativos para os alunos.

Nessa perspectiva, possibilita uma amplitude formadora do uso da linguagem dentro e fora da escola, com abertura para desempenhar ações cotidianas no espaço escolar e familiar, envolvendo a construção do saber e a pesquisa, um papel atuante no exercício da cidadania que proporciona o engajamento em assuntos do mundo e se manifestar sobre eles, por meio de discussões e resolução de problemas, como uma maneira de intervir na vida pública, uma vez que os textos permeiam tanto nas práticas escolares como no contexto da vida social, possibilitando uma relação e organização dos conhecimentos sobre a língua e outras linguagens.

O campo midiático-jornalístico, de acordo com a Base (2018), oportuniza o contato dos estudantes com as práticas relacionadas à informação e opinião que são o cerne desse campo, além de contribuir para a construção de conhecimentos e o desenvolvimento de competências nas práticas de linguagem (escuta, leitura, produção de texto), o que fica evidente, a importância de propiciar o estímulo para que os estudantes se interessem pelos fatos que realmente acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo, de forma que se integra as suas vidas, as práticas de linguagem pertencentes aos gêneros da esfera jornalística em diferentes veículos de comunicação.

A partir disso, é esperado que se potencialize um pensamento crítico e autônomo, da visão das coisas e do mundo, com capacidade de se posicionar mediante os textos noticiosos e opinativos que circulam na sociedade, participando de debates e discussões de maneira ética e respeitosa.

Com vista à importância da promoção de um debate interpretativo sobre o suporte telejornal e seus gêneros, mais especificamente nas aulas de língua portuguesa, e acreditando que por meio de oficinas pedagógicas isso seja possível, uma vez que o professor tem a oportunidade de propor uma prática situada de maneira a desenvolver práticas de recepção mais críticas, reflexivas, é que idealizamos e implementamos o Projeto “Telejornal em sala de aula”, em uma turma do 9º ano, do Ensino Fundamental - Anos Finais.

Para esse fim, recorreremos à perspectiva dialógica de linguagem e à noção de

gênero discursivo do Círculo de Bakhtin (2003; 2005; 2006), assim como à concepção de multietramento defendida por pesquisadores brasileiros como Rojo (2009), Rojo e Moura (2012) e às pesquisas na área de Linguística Aplicada, no que tange às ferramentas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa. O percurso metodológico escolhido foi o da pesquisa-ação¹, em que procuramos realizar um tipo de pesquisa com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com a resolução do problema coletivo de uma turma de nono ano. Essa metodologia tem sido muito utilizada em projetos de pesquisa relacionados à educação, já que tem como objetivo proporcionar novas informações e promover intervenções que possam trazer melhorias e soluções para um grupo.

Assim, colocando-nos no papel social de professora/pesquisadora, almejamos desenvolver oficinas pedagógicas em que a oralidade, a leitura/escuta e a produção textual escrita e multissemiótica estivessem inseridas em práticas sociais, o que significou adotar uma perspectiva escolar filiada a uma concepção sociocultural de multiletamentos.

No decorrer do trabalho, buscamos respostas para as seguintes indagações:

Quadro 1 – Perguntas de Pesquisa e Objetivos Específicos

| PERGUNTAS DE PESQUISA | OBJETIVOS ESPECÍFICOS |
|--|---|
| Será que, a partir do trabalho pedagógico com o telejornal, o aluno será levado a uma leitura e produção responsiva ativa? | Objetivo: Levar o aluno a ter uma postura responsiva ativa mediante à recepção do telejornal, possibilitando a identificação e a construção de novos enunciados. |
| Será que as atividades de produção propostas nas oficinas contribuirão com a produção de um telejornal? | Objetivo: Contribuir para que os alunos sejam levados à produção de um telejornal voltada para o uso da língua de forma dialógica e situada, em que eles se reconheçam como o autor do texto. |
| Será que o trabalho pedagógico a partir de oficinas é, de fato, um caminho promissor para o ensino de língua portuguesa? | Objetivo: Desenvolver o protagonismo dos alunos por meio do uso social das práticas de oralidade, de leitura/escuta, produção escrita e multissemiótica. |
| Será que os alunos alcançarão um posicionamento crítico em relação ao telejornal? | Objetivo: Promover nos alunos a consciência crítica sobre o papel que o telejornal exerce na sociedade. |

¹ A pesquisa-ação provém das Ciências Sociais e foi introduzida no Brasil no campo da educação e no planejamento rural por João Bosco Pinto, sociólogo brasileiro. É concebida como estratégia metodológica utilizada para incentivar a participação dos camponeses nos processos de planejamento e desenvolvimento regional e local. Também, baseia a sua proposta teoricamente no conceito de educação libertadora (BALDISSERA, 2001, p.3).

Em busca das respostas a essas e a outras questões, o presente trabalho foi organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, destacamos o caráter dialógico da linguagem, voltado às práticas dialógicas de linguagem, assim como trouxemos discussões relativas aos multiletramentos. No segundo, apresentamos alguns apontamentos a respeito dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem, ressaltando alguns pontos sobre a mídia televisiva (mídia TV). Já no terceiro, é apresentado o percurso metodológico quanto à especificação da pesquisa, à sua descrição e à importância do trabalho pedagógico com língua portuguesa a partir de oficinas pedagógicas. E, por fim, no quarto e último capítulo, momento da descrição do Projeto “Televisão em sala de aula” e da apresentação das reflexões resultantes da implementação das oficinas pedagógicas desenvolvidas no seu decorrer.

CAPÍTULO 1 – PERCURSO TEÓRICO

O ser humano vive em sociedade e que faz uso do elemento indispensável e que é a linguagem em suas diferentes formas de ação que são contempladas por meio dos gêneros do discurso, realizando por meio de determinadas esferas sociais.

Por conseguinte, como “a língua é dinâmica, evolui historicamente, os gêneros, como manifestação da língua, também variam com o tempo, com os avanços tecnológicos, com as transformações culturais, com o estilo individual dos falantes”, eles não são formas estanques e imutáveis, dessa maneira, não correm o risco de perderem de vista seus fatores sociais e históricos (BAKHTIN, 2003, p.285)

Tais discussões justificam o quanto é imprescindível a escola investir em práticas pedagógicas com a linguagem que considerem o dialogismo constitutivo da linguagem. Antes de adentrarmos às questões referentes ao ensino de língua portuguesa, precisamos compreender o conceito de dialogismo e a noção de gênero discursivo do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006).

1.1 O CARÁTER DIALÓGICO DA LINGUAGEM

A base desencadeadora do processo dialógico bakhtiniano resulta de uma análise crítica e de reflexões realizadas pelo Círculo sobre duas tendências filosófica-linguísticas presentes no princípio do século XX, intituladas de Subjetivismo Idealista e Objetivismo Abstrato.

Bakhtin/Volochinov (2006, p. 95) rebate e contesta essas tendências que contemplam a língua como um sistema abstrato em que a ação comunicativa pelo locutor realiza-se mediante a palavras isoladas e dicionarizadas e não considera “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.

Na visão do Círculo,

na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.96).

O Círculo de Bakhtin, ao contrapor essas vertentes, sustenta a ideia de que o locutor faz uso da língua em um enunciado concreto. Assim, o sujeito apropria-se das formas abstratas da língua dentro de um contexto concreto, visto que a língua postula um acordo com as normas, mas em atos de significação contextualizada em uma interação social de caráter dialógico.

O dialogismo defendido pelo Círculo é apontado por Brait (2005) como uma relação constante com o diálogo que, muitas vezes, não apresenta uma afinidade e uma concordância, correspondente à diversidade de discursos que marcam e representam uma coletividade, uma cultura e uma sociedade.

Nessa perspectiva, podemos avaliar e compreender o caráter dialógico como uma unidade que abrange uma característica peculiar interdiscursiva da linguagem. Em suma,

o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram e são instaurados por esses discursos. E, aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2005, p. 95).

Bakhtin (2003, p.127) reconhece a importância do outro no processo interação, posto que este se torna encarregado de constituir a relação dialógica, com a condição de promover a compreensão do ato discursivo e acrescenta que “a língua é dinâmica e se constitui na sua relação com o contexto e com os sujeitos, a partir da interlocução”, como um produto social e não individual, entendida como práticas sociocognitivas e discursivas.

Para ele, a língua está em constante processo de evolução, portanto não é um produto acabado. Por isso, contesta uma visão relacionada ao uso abstrato da língua descontextualizada.

A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical - não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e,

evidentemente, não por palavras isoladas). [...]. Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 282-283)

Desse modo, Bakhtin (2003) considera que toda esfera social da comunicação humana está imbricada o uso da língua, e esse uso se concretiza por gêneros do discurso, os quais podem ser orais ou escritos, relacionando-se quanto às condições e às finalidades de cada esfera, produzidos na interação social. Para ele,

os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode imigrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos (BAKHTIN, 2003, p.268).

Seguindo esse pensamento, considerando que esses enunciados se formam dentro de um panorama social e histórico de acordo com as condições e finalidade de uma dada esfera social e que, por causa disso, não são estanques e imutáveis. A partir do momento que essas esferas vão sofrendo transformações e outras situações de interação entre os indivíduos vão surgindo, há possibilidade de ocorrer uma transformação ou a criação de novos gêneros.

Na visão de Bakhtin (2003), o gênero discursivo proporciona uma ligação com a vida social, considerados relativamente estáveis em uma dada esfera e são compostos por uma construção composicional, conteúdo temático e estilo. O primeiro corresponde não necessariamente a um tema específico de um texto, mas é o sentido do qual o gênero se instala. Já o segundo compreende a organização textual, estrutural, composição e ordenamento, atentando para os envolvidos na comunicação discursiva. O estilo é responsável pela seleção dos recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais que pertencentes a língua, com intuito de compor a compreensão e imagem do interlocutor perante o enunciado. As marcas linguísticas que são escolhidas pelo locutor permitem a presença de sua identidade cultural que engloba todo o enunciado. Todos os recursos gramaticais da língua estão à disposição para suprir o verdadeiro objetivo da enunciação concreta em um contexto real (BAKHTIN, 2003).

Bakhtin (2003) também defende que o falante ao proferir seu discurso adota uma ação responsiva ativa, com a qual o interlocutor pode concordar, argumentar, discordar, adaptar, adequar etc. Todo esse processo se dá desde o início do discurso, até mesmo das primeiras palavras do locutor. Portanto,

a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor (BAKHTIN, 1997, p. 290).

O enunciado, na abordagem do filósofo russo, corresponde à ligação que se estabelece em contato com outros enunciados. Para ele, toda a comunicação discursiva se desenvolve por meio dos gêneros do discurso, afinal são eles que norteiam a atividade comunicativa em sociedade e estruturam o discurso, de modo que uma noção de ouvinte/receptor como função do interlocutor, corresponde a uma visão distorcida da situação comunicativa complexa, como pensar em práticas pedagógicas que envolvam a leitura, a produção textual, a oralidade e a escuta sem levar em consideração tais questões apontadas anteriormente.

1.2 PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LEITURA/ESCUTA, ORALIDADE, PRODUÇÃO ESCRITA

Os pesquisadores russos defendem que qualquer que seja a expressão de leitura ou escrita ou oralidade e escuta é norteadada pela realidade da enunciação, ou seja, pelas circunstâncias sociais. Por certo, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 114), tendo a palavra em posição ao interlocutor, adquire uma relevância, visto que toda a palavra compreende dois momentos, pela razão que decorre de alguém, como pela razão que converge para outrem. Essa visão traz à luz o entendimento que toda a palavra é vista como:

o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 115).

Além disso, os sentidos e os significados que são delegados à palavra em cada ato enunciativo pronunciado são compreendidos dentro de um processo dialógico que estão envolvidos os interlocutores. Não se pode dizer que os sentidos estão *a priori* nas palavras, no entanto, eles surgem e se estabelecem de uma relação dialógica entre os participantes da comunicação verbal- o falante e o ouvinte.

É, por meio da palavra, que o interlocutor se apresenta ao outro, de forma que, a palavra é vista como um elo entre o sujeito e os outros, como se houvesse uma ponte que em cada extremidade, encontra os participantes do processo de interação, sendo a palavra estabelecida como uma demarcação compartilhada entre falantes e ouvintes. Desta forma, ela não é considerada pertencente somente ao locutor, uma vez que é compartilhada com o seu interlocutor.

Nessa perspectiva, no momento da relação com outro (na comunicação verbal), é contemplada uma ação discursiva, na qual o locutor se sustenta nas palavras do interlocutor e, como resultado, na vida dele, na interação e respondendo a ele, fundando-se em uma linha tênue entre os dois.

Para Fanini (2015), tanto o autor como o leitor ou falante como o ouvinte, ambos são encarregados pela produção do texto, circulação e sentido do texto. A autora defende nenhum pode ser enaltecido em maior proporção, em detrimento ao outro, uma vez que, na concepção dialógica que realiza a leitura, a escrita e a oralidade, não há espaço para uma enunciação monológica.

Nesse caso, como dissemos anteriormente, Bakhtin (1997) justifica que tanto o autor como o leitor ou falante como ouvinte não mantêm o domínio sobre o texto, dado que o texto vive, sobrevive e produz sentido nas relações estabelecidas entre os interlocutores, ou seja, as palavras são repartidas para cada um dos participantes, mas os limites dessa divisão que são considerados indefinidos, sendo nesses limites que se institui o conflito dialógico.

A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente). Essa redistribuição de tudo o que está expresso na palavra, e que dota cada ser humano do pequeno mundo constituído de suas palavras pessoais (percebidas como pessoais), representa o fato primário da consciência humana e da vida humana. [...]A complexa relação com a palavra do outro, em todas as esferas da cultura e da atividade, impregna toda a vida do homem (BAKHTIN, 1997, p. 383 - 384).

Essa visão não comporta uma linguagem vista apenas como instrumento com uma enunciação monológica. Entendemos que, no ato de ler/ouvir e produzir textos de diferentes naturezas (modais/ multimodais/ multissemióticos), é instaurado o ato enunciativo, no qual há uma troca de discursos, correspondem a resposta do outro que reflete e volta para o discurso do outro. Diante disso, a leitura, a escrita e a oralidade estabelecem uma ação limítrofe, na qual ambas se relacionam e se imbricam no processo dialógico.

O ato de recepção de um texto requer do receptor um posicionamento que corresponderá a suas crenças, a sua visão de mundo e a seus valores. No processo de produção, o sujeito produtor (destinador) leva em consideração o destinatário (o outro) uma relação dialógica e “apenas o outro pode captá-lo e compreendê-lo, em virtude de sua exotopia e do fato de ser outro” (BAKHTIN, 1997, p. 369). Ele escreve para o seu interlocutor, nutre uma relação dialógica com ele, levantando alguns questionamentos que são pertinentes para que o texto contribua para mudanças significativas sociais, históricas e culturais, fortalecendo as práticas sociais.

De acordo com essa assertiva, fica evidente que o sujeito é concebido e transformado pela linguagem, uma vez que essa faz parte integrante do ser social, sem condições de desvinculá-la da ação humana e da vida, entendendo que a linguagem é o dialogismo dentro de uma relação social em que o autor e leitor são compreendidos no ato enunciativo de caráter dialógico.

Na visão de Fanini (2015), toda leitura e escrita são consideradas práticas sociais, pois os interlocutores são inseridos socialmente e agem em sociedade. A autora parte de que toda a enunciação é autoria e coautoria, uma vez que interação é estabelecida em uma relação dialógica. Isso provoca um duelo entre as palavras e as coisas que se justificam em um embate de ação discursiva cotidiana. Dessa forma, as práticas sociais são instauradas com o propósito de orientar os interlocutores discursivamente em sociedade e na vida cotidiana.

Não se pode esquecer que o ato de leitura e escrita devem ser compreendidos mediante a perspectiva dos gêneros dos discursos que designa de certa forma, o contexto da leitura e da escrita. Afinal, como dissemos anteriormente, a comunicação verbal se dá por meio dos gêneros discursivos, nos quais são responsáveis pela harmonização da escrita e da leitura. Mediante isso, Bakhtin defende que:

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 1997, p.302).

Dessa maneira, é provável que a produção de texto ocorra por meio de

construção de atos enunciativos, ou seja, por meio dos gêneros do discurso, que realizem os objetivos almejados pelos sujeitos nas expectativas da comunicação verbal, uma vez que sua composição, estilo e conteúdo temático colaboram na organização do enunciado.

Além disso, Bakhtin (1997) aponta as formas compostas pelo gênero, nas quais moldam-se as falas, diferentes das formas da língua, quanto à sua inflexibilidade e às suas normas constantes e rígidas para os interlocutores. Em contraponto, os gêneros são mais versáteis, mais adaptáveis à situação e não tão inflexíveis como a língua.

Como podemos perceber, as contribuições do filósofo (2006) a respeito da linguagem e seu caráter dialógico desencadeiam uma leitura como ação interativa, visto que essa ação compreende um sujeito e suas vivências históricas e culturais que o concebe. A leitura do texto que abrange as informações que não se apresentam ao texto, possibilita a aproximação do leitor com o texto, a fim de estabelecer uma relação com o discurso lido e os elementos das condições de produção nas quais o texto foi produzido.

Nesse sentido, o ato da leitura oportuniza uma atividade comunicativa discursiva, que os sujeitos envolvidos no ato, que promovem uma participação dinâmica da compreensão do texto, possibilita a aceitação ou a refutação do conteúdo do texto, segundo a visão bakhtiniana, denominada de compreensão responsiva ativa.

Quando tomemos a concepção de leitura dentro de um processo dialógico, a nós é permitido uma compreensão ativa, visto que qualquer compreensão por mais original e pura compete uma resposta. Nesse processo, a cada ato de enunciação, a cada palavra proferida, fazemos surgir várias outras que contribuem para constituição de uma réplica, dentro de um contexto ativo e responsivo, ou seja, quando um locutor enuncia uma palavra ao seu interlocutor é para que este tome uma atitude ativa que produza uma resposta mediante a mensagem enviada na comunicação verbal. Nessa visão defendida pelos estudiosos,

a compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor a palavra do locutor a contrapalavra. [...] a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 135).

As respostas elaboradas pelo interlocutor correspondem a uma conduta ativa mediante à compreensão das enunciações desenvolvidas pelo locutor revela uma

conduta de sujeito responsivo e ativo. Na atuação de refutar, aceitar ou expandir o enunciado do outro, o interlocutor passa a posição de um sujeito responsivo ativo.

Esse processo, para Bakhtin (1997), é equivalente a uma atitude tomada pelos leitores no ato da leitura que abrange um processo dialógico entre autor, o texto e o leitor. A leitura direcionada nesse sentido resgata uma concepção de leitura que é sustentada na interação social. No ato da leitura, o leitor que se coloca como participante ativo, tende a interagir e compreender com mais clareza o dizer do autor da obra ou locutor, criando expectativa na resposta do outro, de quem lê ou escreve.

Nesse momento, o leitor desloca-se de uma compreensão passiva para agir com o texto, estabelecendo conexões com a leitura atual e com outras realizadas anteriormente, ou seja, o que já foi dito, toma uma postura responsiva ativa mediante o texto que conduz a um processo dialógico, possibilitando a identificação e a construção de novos enunciados.

Nesse sentido também, a leitura realizada em sala de aula deve assumir o discurso como uma expressão de um sujeito para outro sujeito, que se envolvam em situações cotidianas, mas que sejam capazes de atentar para as enunciações, para a produção e construção dos significados.

No ato de leitura, a enunciação é compreendida dentro do uso da linguagem e da intencionalidade dos sujeitos envolvidos no processo de interação. Esse processo possibilita ao sujeito uma mobilização de mecanismos que podem favorecer a modalidade da escrita e leitura dentro da enunciação.

Assim sendo, a concepção de enunciação está relacionada ao ensino, como argumenta Solé (1998) quando afirma que o papel da leitura é a compreensão dos discursos a partir do envolvimento com a enunciação. Para a autora, um estudo em sala de aula deve envolver as relações entre discursos, interação e enunciação, o que presume uma leitura com um olhar diferente, que demanda consideração e reflexão para a realização desse processo.

Entretanto, para que a escola assuma uma concepção de leitura permeada pelo caráter dialógico sustentado pela teoria bakhtiniana, na qual a linguagem é vista numa “situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado (BRAIT, 2005, p.93), deve atentar para entender o envolvimento da linguagem com seus elementos constitutivos (sujeito, as intenções comunicativas, o espaço temporal, as unidades linguísticas (verbais, visuais, sonoras), os gêneros discursivos, apontado como pertencente ao significado de um discurso, elaborado em

uma dada situação comunicativa determinada pela esfera social.

A produção textual (escrita e oral), na escola, é marcada por várias discussões com intuito de aprimorar as competências e desenvolver habilidade na prática da comunicação escrita e oral, são vários os estudos que se voltam para essa prática, porque é visto que a educação formal enfrenta muitos obstáculos para atingir essas competências.

Contudo, as teorias possibilitam uma reflexão para um direcionamento que contemplam uma produção de texto voltada para o uso da língua em sua modalidade escrita ou oral de “forma dialógica e situada” (BUNZEN, 2006, p. 157), em que o sujeito se reconhece como o autor do texto, e não apenas como uma atividade de escrita para cumprir algum critério de avaliação.

Ao pensar na visão da obra bakhtiniana, que compreende qualquer ação da linguagem como uma relação entre sujeitos históricos e sociais, a produção pode revelar o seu envolvimento com o mundo que o rodeia, manifesta sua história de vida, proporciona desenvolvimento de autoria e avulta seu posicionamento ideológico dentro do processo de interacional.

1.3.LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS

Sabemos que o processo de aprendizagem da escrita é complicado e com várias vertentes, que está relacionada tanto com o código alfabético, com os fonemas e grafemas, como o desenvolvimento e a compreensão de uso competente da língua escrita em situações que envolvem as práticas sociais. Por conta de todo esse processo, considerado um tanto difuso, é que aparece o termo alfabetização e letramento² como algo que se completa e se diversifica ao mesmo tempo. Nessa perspectiva,

não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, trata-se de alfabetizar letrando. Quando se orienta a ação pedagógica para o letramento, não é necessário, nem recomendável, que, por isso, descuide-se do trabalho específico com o sistema de escrita. Noutros termos, o fato de valorizar em sala de aula os usos e as funções sociais da língua escrita não implicam deixar de tratar sistematicamente da dimensão especificamente linguística do “código”, que envolve os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos (VAL, 2004, p.19).

² De acordo com Tfouni (2018) e Kleiman (1995), a primeira autora acredita que o letramento é um neologismo que surgiu para constatar a superação do processo de alfabetização, e a segunda defende que o termo aponta com o intuito de dissolver “impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita”.

A alfabetização é um processo muito importante, que oportuniza o ensino de leitura e escrita, mas que somente essa aprendizagem, não é o suficiente para a formação de um sujeito ativo que participa e interage nas diversas esferas da sociedade.

De acordo com Trindade (2005, p. 125), “práticas sociais da leitura e da escrita adentraram na escola para garantir não mais a alfabetização, mas o letramento das crianças desde o momento de aquisição inicial da leitura e da escrita”.

Destaca Soares (2004) que o letramento vai além da alfabetização, esta é uma atividade mecânica, que garante ao sujeito o conhecimento do código linguístico, já aquele se refere ao sujeito que não só sabe ler e escrever, mas usar socialmente a leitura e a escrita, posicionar-se e interagir com as práticas de linguagem, demarcando sua voz no contexto social. Por isso, a autora reforça a importância de distinguir os termos “letrar” de “alfabetizar” para um melhor entendimento entre ambos. Segundo ela,

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2004, p.47).

Por outro lado, Kleiman (2005, p.21) não diferencia letramento de alfabetização. A autora defende ser fundamental o trabalho em parceria da alfabetização e do letramento, pois esse último “extrapola o mundo da escrita tal qual é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita” possibilita ao sujeito o uso social da leitura e da escrita.

Kleiman (2004, p.18), baseando-se em Lemke (2010 [1998]), defende que compreender o fundamento didático baseado em um ensino de língua portuguesa reflexivo, que contemple a importância da “multiplicidade de culturas e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos”. Para ela, uma leitura dessas múltiplas culturas e linguagens, realizadas com propriedade, garante o envolvimento do sujeito com as práticas discursivas, alterando “seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e. até mesmo, econômicos”.

Já conforme Dionísio (2005, p.131), “na atualidade uma pessoa letrada deve

ser capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas linguagens bem como ser capaz de produzir mensagens incorporando diversas linguagens.

Rojo (2016), em uma entrevista para “Escrevendo o Futuro”, menciona a revisitação e ampliação do termo “letramento” que ocorreram em detrimento às mudanças nas realidades sociais que têm como fundamento as novas tecnologias e comunicação que relacionam imagens estáticas ou em movimentos, som, cores que estão presentes nas mídias impressas e digitais com a intenção de inserir no âmbito educacional do ensino e aprendizagem os textos contemporâneos.

Caminhando nesse sentido está a BNCC (BRASIL, 2018), quando se refere ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação e da importância de a escola trabalhar uma realidade que abranja não só a escrita e oralidade, mas também outras linguagens que estão presentes nos textos multissemióticos, nas redes sociais e na *web*, possibilitando uma leitura crítica e reflexiva por meio de diversas práticas sociais. De acordo com a Base,

a leitura é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também as imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) ao som (música) que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2017, p. 68).

Como vimos anteriormente, hoje já é reconhecida a importância das diversas linguagens (semióticas) que compõem um gênero para o ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa e os materiais didáticos contemplam o trabalho com a multimodalidade que possibilita, muitas vezes, a aproximação e a relação com suas práticas cotidianas, promovendo multiletramentos e valorizando a multiculturalidade, multimidialidade e multissemiose (ROJO; MOURA, 2012)

Isto reforça que a instituição escolar não pode ignorar todo o processo evolutivo que culmina nas novas tecnologias que possibilita uma comunicação dinâmica e interativa, oportunizando a transformação de um sujeito protagonista, desmistificando conteúdos ditos “engessados” para abertura de novos gêneros por meio da mídia digital.

No entanto, para a escola esse pressuposto gera um grande desafio. Por ser considerada a principal agência de letramento que, por excelência, tem a função prioritária da promoção da cidadania, procurando estabelecer uma relação mediadora entre o aluno, as novas tecnologias e a cultura para o alcance de um posicionamento

crítico diante das situações conflituosas, ela ainda permanece focando em transmitir o conteúdo específico de apropriação do conhecimento, sendo o professor o detentor do saber com atividades descontextualizadas e objetivando práticas sociais voltadas para a leitura e o texto impresso (RANGE, 2010).

Segundo Rojo (2017), as dificuldades enfrentadas pela escola no que tange a verbas para equipamentos eletrônicos e bandas largas que possibilite a navegação na *internet*, ainda estão longe de serem solucionadas, devido ao descaso por parte das autoridades responsáveis.

Saito (2014) ainda reforça que o âmbito escolar carece de uma inserção *na sala de aula* de ferramentas didáticas que extrapolem os limites do livro didático, por meio de inovação nos recursos tecnológicos e semióticos que oportunizem um estudo significativo com o objeto de ensino. De acordo com a autora,

nos ouvidos do professor em exercício, assim como em formação inicial, ressoam tais apelos para que se abram as portas da escola para a abordagem pluralista de culturas e a multissemoses. Isso implica a necessidade de uma “pedagogia dos multiletramentos” que aponte para a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais as pessoas se informam e se comunicam. Para que a escola se torne, de fato, uma agência de letramentos múltiplos, abre-se uma perspectiva da formação de professor sustentada na reflexão em que se busca contemplar as demandas atuais de recursos possibilitadas com o trabalho didático sobre as práticas de linguagem materializadas em gêneros textuais. (SAITO, 2014, p. 231).

Como podemos perceber, é imprescindível que a escola contemple a leitura e a escrita de gêneros discursivos relacionadas às diversas linguagens e semioses para compor significação. Nesse aspecto, já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam (ROJO, 2015).

Diante dessas assertivas, fica claro a necessidade da inserção da escola na cultura contemporânea que resulta no surgimento das novas tecnologias digitais que possibilita novos meios de comunicação, abrangendo textos multissemióticos e multimodais e valorizando a multiculturalidade, o que requer do leitor uma análise crítica para a multiplicidade de sua significação.

Por isso que Rojo e Moura (2012) propõem uma pedagogia de multiletramentos com a intenção de estabelecer uma relação com a realidade

vivenciada pelos alunos e o universo escolar. Para os autores, a escola deve rever seu currículo, não considerando apenas os conteúdos impostos pela instituição, nos quais o aluno tem que aprender, mas sim um conteúdo que beneficie o interesse do aluno e suas vivências para que possibilite uma aprendizagem colaborativa que envolva- o para o desenvolvimento de competências e habilidades para atuar no mundo por meio das práticas sociais apontadas para o letramento crítico (ROJO e MOURA, 2012).

2 – A GRANDE MÍDIA E O TELEJORNAL

É importante que, antes de adentrarmos no telejornalismo, passemos rapidamente pela discussão do papel da mídia TV, pois é ela que permite a concretização do telejornal, sendo a responsável pela sua transmissão, com suas peculiaridades quanto à imagem e ao áudio.

2.1 A TELEVISÃO

Martín- Barbero (2002) considera a televisão como um aparelho cultural e industrial e reforça que, por isso, requer a compreensão de seus modos, fundamentos e ligações, por se tratar de uma comunicação contemporânea por meio de uma tela que possibilita várias maneiras de interpretação do mundo e de aceitação social.

No que tange o papel social e cultural deste meio de comunicação de massa, Rincón (2004) a compreende de forma objetiva, entendida como uma indústria de produção em série e massiva e, portanto, realiza bons negócios, gerando empregos e fornecendo divisas para a sociedade. O autor pontua a existência de duas vertentes para a sua evolução, relatar a realidade e o entretenimento das massas urbanas, exclusas da cultura elitista.

Para Duarte (2004), a televisão é considerada uma transação comercial. Os grandes grupos são os que comandam e estabelecem a maneira como fazer TV, baseado nos interesses que regem o mercado. Ainda que ela seja uma concessão pública de programação de canais, pois o processo de comunicação radiofônica pertence ao governo.

Na visão de Squirra (2002), a edição da televisão fragmenta os acontecimentos originais, dando um novo direcionamento e efeitos, por consequência, um novo sentido as porções extraídas, numa mudança de paradigma proposital da realidade, que diante dos telespectadores poderia constituir original e verdadeiro em busca da realidade.

Reforçando estas palavras estão as de Faraco (2006, p.87) quando afirma que, “vivemos em um mundo editado e é com ele, nele e a partir dele, que se elaboram tendências centralizadoras, forças centrípetas correlacionadas a essas condições sócio- históricas”.

No pensamento de Duarte (2004), a televisão é um meio de comunicação um tanto complexo e híbrido, pois carrega nas suas produções uma linguagem sonora e visual que proporciona ao telespectador atingir uma percepção e visão do mundo e dos fatos acontecidos. Ela cumpre o papel de apresentar-se clara e transparente, envolvendo o telespectador, a favor de uma cumplicidade e intimidade com os atores sociais. Fato que vem reforçar aquilo que Martín- Barbero (2002) diz sobre a importância de sua compreensão.

Becker (2005) defende que tem televisão de qualidade e a define como sendo:

aquela que se torna parte da conversação pública cotidiana, como uma referência de novos conhecimentos e percepção, já que o audiovisual, deve servir para conectar-se com as pessoas, criando uma relação enriquecedora com a vida cotidiana, expressa por produzir programas inovadores, universais, experimentais e ousados (BECKER, 2005, p.56).

Indo nesta esteira está Baccega (2003, p.101), ao defender que a televisão promove o acesso a outras realidades e possibilita o crescimento pessoal e social que constituem uma aprendizagem constante abre “janelas para o mundo”. Para a autora, não devemos esquecer de que veiculados a esta mídia está um conjunto de conteúdos de programas que constituem um estímulo para a imaginação, a aprendizagem e a vida.

2.2 O TELEJORNAL

Os telejornais são compreendidos dentro de uma dinâmica de preservação ou uma transformação social a partir dos discursos proferidos por meio de uma gama de acontecimentos relatados no cotidiano, expostos para milhões de telespectadores no Brasil.

Na visão de Becker (2005), os telejornais negociam credibilidade e confiabilidade que de certa forma, induzem grandes investimentos. Ao relatar os fatos sociais que compreende uma experiência da realidade, influenciam nas identidades sociais. Sendo assim, “os telejornais produzem um território simbólico de tamanho poder que ganhou, nas reflexões críticas sobre as mediações dos meios, o conceito de ‘telerrealidade’: um poder também comprovado financeiramente, apontando para os noticiários um surpreendente valor comercial” (BECKER, 2005, p. 54-55).

Os noticiários do telejornal ainda são produções consideradas como um dos maiores fornecedores de informação, cumprindo um papel de destaque nas programações das emissoras, atuam como manifestação pública da composição da realidade social, representando uma oportunidade significativa para a construção do sentido.

A televisão viabiliza a união da sociedade ao permitir a apresentação e exposição da realidade cotidiana, evidencia confrontos e embates, propiciando transformações sociais por meio do seu intermédio. Por sua vez, os telejornais cumprem uma função fundamental na programação televisiva, pautados em um discurso midiático contemporâneo proveniente da verdade e também na própria confiança estabelecida pelo enunciador.

Os telejornais usam recursos estratégicos para a construção de sentidos que são determinados pela objetividade, clareza e a imparcialidade. Os discursos dos noticiários televisivos promovem expressões da realidade porque as personagens são da vida real e os acontecimentos fazem parte da sociedade. Perante isso,

o discurso do telejornal constrói-se tomando como referência o mundo real, exterior à mídia; trata-se de uma meta-realidade, cujo regime de crença proposto é a veridicidade. Assim, o que funda os telejornais e lhes confere legitimidade é o relato objetivo do real, do mundo exterior. Uma boa notícia, dizem, deve ficar o mais próximo possível do acontecimento, mantendo em relação a ele fidelidade, neutralidade, objetividade. É aí que entra em questão a verdade, pois a partir de um mesmo fato ou acontecimento, podem ser produzidos relatos bastante diferentes, todos verdadeiros, porque respeitam as fontes, mas todos diversos, porque operam seleções, focalizações e montagens diferentes: a televisão não reflete o real, ela o conforma (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 69).

Tendo em vista que esses discursos se produzem, estruturam-se e constroem significados, até mesmo para delatar ou reavaliar seus poderes devemos entender que os telejornais possuem uma linguagem e um discurso um tanto quanto complexo. Assim, fica difícil discorrer sobre o telejornal, sem entender a relação que a imagem estabelece com a linguagem telejornalística (BECKER, 2005).

Como afirma Emerim (2017, p.6), “vive-se a era das imagens, visto que todo e qualquer produto ou elemento de nosso dia a dia está acompanhado de imagens, de diferentes suportes e fixações, efêmeras ou concretas”. A autora defende a compreensão e a descoberta da função, o papel da imagem quanto um elemento de significação da sociedade, a fim de entender seus significados para o homem, partindo de uma relação com um propósito.

De acordo com Saito (2014), a produção de sentido do telejornal é constituída por diferentes sistemas de linguagem (semióticas distintas), que se organizam e se imbricam, caracterizando esse gênero do discurso como sendo multimodal e multissemiótico, manifestado em audiovisual. Nessa perspectiva, pertencem ao áudio: a vinheta, a linguagem verbal oralizada e a sonoplastia (som de ambiente e música). Ao visual: a indumentária, a expressão facial, gestual e corporal, a linguagem cenográfica, a proxêmica (aproveitamento do espaço), a linguagem cinética (imagem em movimento) e a linguagem verbal escrita (painel da previsão do tempo, por exemplo).

Outro fator a se considerar, de acordo com Machado (2003), é que o suporte telejornal se caracteriza como um discurso polifônico na medida em que há a intenção de camuflar os fatos de que toda a construção da linguagem emana de alguém, de um grupo ou de uma empresa, portanto nunca é resultado de um acordo em geral, mas sim de uma atitude interpretativa dos fatos apresentados. Dessa forma, por mais que o telejornalismo aponte para os aspectos imparciais e objetivos, pode ocorrer uma ambiguidade na produção de sentidos.

Apesar de ser um suporte pautado na realidade, ao mesmo tempo, não consegue controlar as diversas interpretações extraídas pelos telespectadores. Seguindo esse raciocínio que a notícia televisa relata os fatos da realidade cotidiana, ela é de certa forma, criação dela. Acontece uma troca entre o mundo real e o que permeia a notícia, pois enquanto o fato auxilia na construção da notícia, essa também constrói o fato. As especificidades de cada meio podem interferir na produção da notícia.

Na perspectiva de Vizeu (2005), o jornalista é visto como um intérprete da realidade, divulga um conjunto de saberes que nos transformam em notícia. Em uma gama de fatos diários ocorridos, selecionam os que são mais importantes, por meio de medidas e fundamentos jornalísticos e editoriais da empresa de comunicação. Entretanto, de acordo com o autor, ele “não controla a heterogeneidade de sentidos que essas transmissões e esses saberes adquirem por parte dos seus interlocutores, não lhes comunica um sentido, não integra esses sentidos num mundo mutuamente partilhado” (VIZEU, 2005, p, 44).

É notório os avanços tecnológicos e digitais, principalmente da *Internet* que despontou nas últimas décadas de forma avassaladora, apesar disso, a televisão ainda preserva um espaço relevante na construção de processos culturais. O

telejornal, de certa forma, contribui para isso, atuando como uma ferramenta ideológica, provocando transformações sociais a partir dos seus discursos anunciados diariamente para os telespectadores no Brasil.

Percebe-se que o papel desempenhado pelo telejornal ainda é impactante nos meios de comunicação e na organização cultural do dia a dia, promovendo uma experiência global e cotidiana da nação (BECKER, 2005). Ao relatar os acontecimentos, estabelece uma realidade que causa influências nas práticas sociais, culturais e histórica.

Apesar da sua importância, pela gama de possibilidades de trabalho de leitura de mundo que pode oportunizar para os estudantes, a escola quase não proporciona práticas pedagógicas com o telejornal. Ele ainda passa despercebido, sem indagações, sem ações responsiva ativa e, em consequência, não beneficiando um desenvolvimento crítico ao aluno, embora o trabalho com esse suporte possa possibilitar ao aluno assumir diversos posicionamentos e práticas dialógicas. Desde corroborar, confrontar, assumir uma posição, aceitar, refutar e, até mesmo, ter outras ações que provoquem questionamentos e respostas ativas no pronunciamento do outro.

2.2.1. Gênero: Notícia e Reportagem

Estamos inseridos em uma sociedade mediada pela *mass media*, e por meio dela que estamos sempre em contato com o que acontece ao nosso redor e no mundo, responsável por uma parcela considerável do conhecimento que temos sobre o mundo da vida.

Os meios de comunicação, os jornais, as revistas, a televisão, os computadores, as redes eletrônicas são os que nos possibilitam estarmos informados e inseridos na sociedade atual. Nesse contexto, a notícia cumpre o papel que é informar sobre os acontecimentos que permeiam o mundo de forma geral (BENASSI, 2007).

O gênero discursivo notícia nos possibilita a sintonia com o mundo, contribui para organizar, selecionar, priorizar, e compreender os fatos da realidade imediata. Ao entrarmos em contato diário com as notícias, orientando a nossa vida cotidiana, nossa conduta, nossas experiências do conhecimento prático mediante as sociedades modernas. Além disso, esse gênero tem também funções implícitas como afirma Alves

Filho:

As funções sociais e retóricas das notícias podem ser explícitas ou implícitas. Do ponto de vista da mídia, a função explícita é informar os leitores acerca dos fatos atuais e considerados relevantes para os grupos sociais. Da perspectiva dos leitores, o propósito pode estar associado à necessidade de se atualizar a respeito do que tem acontecido recentemente, o que faz com que eles se sintam regozijados quando ficam sabendo de um fato em primeira mão. Mas as funções implícitas, que não são inteiramente assumidas pela mídia, como promover as crenças e os valores dos grupos sociais dominantes (VAN DIJK, 1988, p.82), fazer propaganda de certos produtos, fazer críticas implicitamente, induzir certos comportamentos, fazer propaganda política (ALVES FILHO, 2011, p. 93).

Isso nos revela que a notícia, muitas vezes, pode abordar acontecimentos que são supostamente verdadeiros e outras ficarem subentendido e passar despercebidos aos olhos dos leitores menos atentos. Nesse sentido, a realização de uma leitura mais crítica possibilita desvendar a verdadeira função e propósitos dos fatos relatados.

Segundo Motta (2002), a notícia é um acontecimento recente, que chega, via meios de comunicação, ela quebra com a vida cotidiana, deliberando conflitos e divergências, sendo considerada algo inusitado que foge a rotina do dia a dia, marcada por romper com o sentido hegemônico e institucionalizado, imposto pela sociedade, pelo fato não assegurar o fluxo contínuo do sentido hegemônico, é que o acontecimento se transforma em notícia.

Afinal, se tudo segue uma rotina esperada, que a ordem de certa forma não é atrapalhada, então não se trata de uma notícia. Portanto, o autor defende que “a notícia para nós é um significado, uma percepção, a partir de alguém, de que algo invertido ocorreu” (MOTTA, 2002, p.3).

Já Lage (2001) argumenta que as notícias estão presentes na maioria dos meios de comunicação como televisão, rádio e redes sociais, sendo esses dois últimos responsáveis pela amplitude da notícia. Muitas vezes, a notícia pode se delinear com conotações diferentes, pelo fato de ser impulsionada por algo inusitado e inédito que causa impacto social, como guerras, acidentes trágicos e outros. Na realidade, ela só causa grande comoção quando acabou de acontecer.

Para Benassi (2007), a importância não está apenas em relatar o fato, mas atribuir o maior número possível de dados para que ele se pareça com a verdade e a notícia tenha credibilidade. Não é o suficiente que a notícia seja verdadeira, mas que ela apresente aspectos de verdadeira.

É de suma importância que o fato apresente um tempo determinado e o lugar que ele ocorreu. Um dos pontos relevantes para estabelecer confiabilidade na notícia,

está relacionado à inclusão de depoimentos das pessoas envolvidas direta e indiretamente nos fatos ocorridos. Segundo Barbosa (2001), a declaração dos envolvidos pode ser pela reprodução da fala das pessoas envolvidas (discurso citado), ou por meio do relato pela fala do jornalista (discurso reportado).

No que diz respeito a linguagem da notícia, Lage (2004) contempla o formal e o coloquial, com o uso obrigatório da terceira pessoa e o compromisso com o ideológico. Para o autor, não se pode desvincular a ideologia do texto jornalístico, afinal este está ligado à sociedade e ao tempo histórico.

Quanto às marcas linguístico-enunciativas desse gênero, são apresentados alguns pontos relevantes como a estrutura com *lide*, uso de poucos adjetivos, priorizando os substantivos, os verbos no passado, embora as manchetes apresentem os verbos no tempo presente. O estilo é marcado pela objetividade e procura situar o leitor em dado momento histórico, a fim de apresentar uma confiança e credibilidade a informação.

Um aspecto relevante sobre a estrutura da notícia é a presença do *lide*, conhecido em inglês como *lead* que corresponde ao sentido de “conduzir” ou “guiar”. Ele está presente nos primeiros parágrafos da notícia e é considerado um resumo do assunto ou destaca o acontecimento principal, seu papel é responder algumas perguntas essenciais como (quem, o que, quando, onde, como, por que, com o propósito de situar o leitor. No corpo da notícia, apresenta uma abrangência do *lide*, em seguida, as informações secundárias. Esta estrutura permite uma leitura mais rápida do texto.

A imagem no telejornalismo é uma parte que integra o diferencial. De acordo com Jensen (1986), a imagem é atribuída como reforço a credibilidade, e as imagens produzidas na notícia televisiva contribuem para a perspectiva de objetividade e imparcialidade. Sem contar que ela tem o propósito de atrair a audiência, e prender a atenção do telespectador. O autor argumenta que

em princípio, o gênero notícia televisiva expõe duas narrativas paralelas: a narrativa visual, que se coloca como um documento do que realmente aconteceu, assim demonstrando a pretensão da objetividade, e a narrativa falada que contribui com informação complementar, ainda que permaneça relativamente distinta, sem comprometer o status da narrativa visual como pura informação. Para a audiência, essa convenção de gênero contribui para a potencial heterogeneidade da experiência com o jornalismo. Qualquer que seja sua justificação econômica ou organizacional, a convenção resulta numa estrutura de mensagem que é relativamente aberta a um leque de interpretações (JENSEN, 1986, p.65).

Na visão de Paternostro (2006), o mundo está sendo conduzido pela imagem, isso é atribuído a evolução tecnológica que a cada dia está marcante na sociedade e na vida cotidiana. De certa forma, ela proporciona uma carga impactante da informação e emoção, provoca uma atração e um envolvimento que perpetua na memória.

A construção de uma notícia surge a partir do grau de noticiabilidade, passando por mudanças que vai desde captação do acontecimento, produção, edição e apresentação. Para Vizeu (2014), quando elaborada para televisão, tem pouco a ver com o que realmente se deu, pois passa pelo processo de recontextualização. Isso se dá pelo fato que, a partir de os materiais recolhidos sobre o acontecimento, é levado para a editora para ser editado, nesse processo o tempo e o espaço foram retirados do fato. O editor faz a montagem para ser exibido no telejornal.

Como aponta Gomes (2007), a notícia televisiva é um discurso que está organizado pelos discursos mais abrangentes da televisão, caracterizada de acordo com o meio em que ela circula, por isso é relevante analisá-la como um gênero discursivo a partir das características que a permeiam quando estruturada para a transmissão na televisão.

Quanto à reportagem, é um gênero pertencente ao campo jornalístico, que consiste em uma abordagem mais ampliada e aprofundada de um assunto, baseia-se na observação direta dos acontecimentos ou fatos e na investigação feita pelo repórter. Concede a voz de outras pessoas ou instituições, depoimento de testemunhas dos acontecimentos que reconstroem as circunstâncias e as causas e explicam suas consequências. Os elementos do estilo marcantes são o tempo, a citação de falas, a construção das personagens, mas tanto esses elementos quanto a linguagem podem variar de acordo com o perfil do público, o veículo e o tema abordado.

Em relação à estrutura da reportagem, corresponde a um texto mais aberto, acompanha a sequências dos fatos, não segue o modelo da pirâmide invertida como na notícia. O mais pertinente nesse gênero jornalístico é o Como? O quê? Por quê? do fato ocorrido, que é minuciosamente detalhado e explicado ao leitor ou telespectador, num estilo claro, objetivo e muitas vezes apelativo.

A produção de uma reportagem televisiva nada se compara a de outros meios de comunicação, visto que exige uma mobilização diferenciada de equipamentos,

porque se trata de uma abordagem mais complexa e delicada. Quando estamos em nossos lares, basta apenas um clique para ligar o televisor e escolher a programação de nossa preferência. No entanto, a facilidade da captação do canal desejado, torna-se bem distante das complicações apontadas por detrás de toda a produção desses mesmos programas.

Segundo Jaspers (1998), a grande reportagem televisiva é composta sobre o formato de um vídeo ou filme, corresponde a um conjunto de informações que estão relacionadas à acontecimentos particulares ou um tema pertencente à sociedade, uma mensagem verídica que estabelece um certo limite de tempo. O assunto é tratado de maneira aprofundada e demasiada, com foco em vários aspectos decorrentes do fato ocorrido.

Sendo assim, podemos perceber que a grande reportagem televisiva é mais prolongada que outras matérias que fazem parte das informações diárias dos telejornais. Na televisão, a produção de uma reportagem exige um rigoroso trabalho investigativo, incluindo visitas in loco, recolhimento de informações e testemunhas. A fase de montagem da matéria é muito intensificadora, visto que esse gênero agrega vários elementos de intervenção como: entrevistas diversificadas, imagens de ilustração (cenas reais ou reconstituídas) entre outros. Um fator importante que devemos levar em consideração também é que a imagem e o texto devem sempre manter uma relação de complementariedade.

CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, são delineados os percursos para a execução da pesquisa. Necessita uma especificação da descrição da pesquisa que demonstra os procedimentos metodológicos que norteiam a realização do trabalho, além de descrever os sujeitos da pesquisa e a proposta de trabalho com oficinas pedagógicas.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, optamos pela metodologia da pesquisa-ação, muito utilizada em projetos de pesquisa relacionados à educação.

Segundo o sociólogo Thiollent (1986, p.14), a pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos”. Já para Barbier (2002, p.63), é uma metodologia que contempla atitudes pessoais e comunitárias e que têm como base conceitual filosófica da existência humana que é aplicada “nas diversas socialidades do presente que tecem as redes dessa ‘tribalização do mundo’ da modernidade”.

Apesar de os autores Barbier (2002) e Thiollent (2011) terem visões diferentes a que se refere a esse tipo de metodologia, ocorre uma convergência na questão da reflexão quanto à participação ativa dos sujeitos envolvidos na resolução dos problemas detectados. Tanto para um como para outro, a pesquisa-ação é desenvolvida e pautada em uma ação que provoca mudança social por parte dos sujeitos ativos na pesquisa que leva ao conhecimento nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatos a serem arquivados.

Essa metodologia tem vários fatores e técnicas que podem auxiliar na busca de pesquisa social mais abrangente como a interpretação dos dados coletados, a intervenção na solução dos problemas para que atinjam uma transformação no conhecimento e na ação coletivo. Por isso, Thiollent (2009) a define como sendo “um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe uma intervenção participativa na realidade social e seu fim, portanto, intervencionista. Nela

os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

Para concluir, de acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar à ação que se decide tomar para melhorar a prática.

3.2. PROJETO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE UM TELEJORNAL EM UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA

A pesquisa desenvolvida tem como objeto de estudo o gênero telejornal. Com o interesse de levar à leitura crítica do gênero e à sua produção por uma turma do Ensino Fundamental Anos Finais, de uma escola pública do município do Umuarama-PR, idealizou-se o Projeto “Telejornal em sala de aula”, elaborado para ser aplicado de forma remota, já que a comunidade escolar estava em isolamento social decorrente da pandemia pelo Coronavírus Sars-Covi-2.

A presente pesquisa foi elaborada com o intuito de contribuir com a promoção de sujeitos críticos, participativos e protagonistas por meio de atividades de oralidade, leitura/ escuta e produção escrita e multissemiótica dialógicas com o foco na elaboração de um telejornal.

Com base na leitura e interpretação de textos literários (conto e crônica), buscou-se levar os alunos à produção de notícias e reportagem para subsidiar a produção do telejornal. Tal escolha se deu pelo fato que a literatura, como sendo um “fator de humanização”, ela cria e guarda uma especificidade que permite a emergência de conteúdos vividos que não encontrariam meios de realização nas atividades cotidianas (CANDIDO, 2016).

3.2.1. Sujeitos de Pesquisa

O Projeto “Telejornal em sala de aula” teve como sujeitos envolvidos, trinta e cinco (35) estudantes do Fundamental Anos Finais (EF), do 9º ano, de uma escola da rede pública localizada na área central do município de Umuarama – PR. Apesar de ser um colégio que está situado no centro, a maioria dos alunos reside em bairros

periféricos, concentrando na escola uma diversidade de classes e, isso, muitas vezes gera preconceitos, *bullying*, brigas e conflitos sociais que acarretam danos para ambas as partes. A infraestrutura da instituição é bem conservada, fazem reparos anualmente sem contar com a ajuda do governo, mas sim com o apoio da comunidade e professores para possíveis promoções durante o ano. Com essas promoções a escola foi equipada com um *datashow* em cada sala e *internet* para auxiliar o professor na sua prática pedagógica.

Em relação ao perfil da turma escolhida, é bastante heterogênea. Alguns alunos são dinâmicos, participativos e ativos, outros são bem retraídos. Percebe-se também que alguns apresentam interesse em aprender, mas outros parecem ir à escola apenas com o intuito de socialização com a turma. A escolha por essa turma justifica-se pelo fato de a professora-pesquisadora desenvolver um trabalho que fomenta o interesse por diferentes formas de linguagem, também propicie a construção do conhecimento crítico quanto a informação obtida pela mídia. Além disso, percebe-se uma lacuna no trabalho com gêneros que contemplem as múltiplas linguagens.

Nesse sentido, compreende-se a necessidade de escolha de um gênero que envolva a turma para o trabalho a ser elaborado na pesquisa. Por isso, a preferência pelo telejornal foi, de certa forma, pelo fato desse gênero atuar como uma ferramenta ideológica, provocando transformações sociais a partir dos seus discursos anunciados diariamente aos telespectadores brasileiros. Percebe-se que o papel desempenhado por ele ainda é impactante nos meios de comunicação e na organização cultural do dia a dia, promovendo uma experiência global e cotidiana da nação (BECKER, 2005), pois ao relatar os acontecimentos, estabelece uma realidade que causa influências nas práticas sociais, culturais e histórica.

Assim, acreditamos que um projeto que traga o telejornal para a sala de aula possa possibilitar aos alunos das séries finais do EF assumirem diversos posicionamentos e práticas dialógicas que possibilitem provocar questionamentos e respostas ativas no pronunciamento do outro, fazendo desse gênero uma ferramenta importante para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

Nesse contexto, em que as aulas foram ministradas por meio do Ensino Remoto, a participação deles na plataforma *Google Classroom* de aproximadamente, de 80%, e ainda eles contam com um grupo de *WhatsApp* que criado para interação entre professor e alunos e também tirar as dúvidas que vão surgindo ao longo do

processo.

A escolha por oficinas pedagógicas tornou-se pertinente, como foi visto anteriormente, por viabilizam uma melhor sistematização das atividades, colaborando com uma aprendizagem e dinamismo do gênero telejornal. A organização das atividades didáticas para constituir a proposta de implementação do Projeto “Telejornal em sala de aula” atribui-se a partir das oficinas pedagógicas, denominadas: Oficina 1: “A Mídia Televisiva: Teia de Eventos Audiovisuais”; Oficina 2: “Jornalismo em Diferentes Mídias”; Oficina 3: “O Fato: Matéria-prima do Jornalismo”; Oficina 4: “Gênero: Telejornal”; Oficina 5: “Elaboração do Telejornal”, que juntas compõem o Projeto “Telejornal em sala de aula”. As oficinas são aplicadas por meio do Ensino Remoto, dessa forma, liberadas pelo *link* no mural do *Google Classroom*, ofertadas aos alunos uma de cada vez conforme o término das atividades propostas.

Dentro dessa perspectiva, foi proposto a produção de um telejornal composto apenas por dois gêneros, três notícias e uma reportagem. Sendo que as produções das notícias televisivas são produzidas a partir dos gêneros literários e as reportagens baseadas nos fatos que, de certa forma, geram grande impacto para a sociedade.

Quadro 2: Elementos de identificação dos gêneros

| CAMPO LITERÁRIO | CAMPO JORNALÍSTICO |
|--|---|
| O Assalto (Carlos Drummond de Andrade) | Notícia (fato) Reportagem (tema cultura do medo) |
| A Velha Contrabandista (Stanislaw Ponte Preta) | Notícia (fato) |
| A Tragédia Brasileira (Manuel Bandeira) | Notícia (fato) |

FONTE: autoria própria.

A escolha dos gêneros da esfera literária informados no quadro acima foi realizada com antecedência, levando em consideração qual a sua base narrativa, discursiva e textual, assim como a possibilidade de sua adaptação para os gêneros notícia e reportagem.

1.3 O TRABALHO COM OFICINAS PEDAGÓGICAS

A organização do Projeto “Telejornal em sala” ocorreu por meio de oficinas pedagógicas, elaboradas com a intenção de proporcionar a construção do conhecimento e de aprendizagem por acreditarmos que a partir delas estaríamos contribuindo com a formação de um sujeito mais crítico e autônomo diante das

questões relevantes da sociedade.

Segundo Paviani e Fontana (2009, p.78), a oficina pedagógica atende, basicamente, a duas finalidades: (a) articulação de conceitos, pressupostos e noções concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz; b) vivência e execução de tarefas em equipe, isto é, apropriação ou construção coletiva de saberes.

Nessa visão, a oficina proporciona uma troca coletiva de experiências entre professor-pesquisador e alunos, proporcionando a construção de ideias, a fim de relacioná-las às atividades propostas em sala de aula. O trabalho com as oficinas pedagógicas requer do professor uma descrição das possíveis dificuldades enfrentadas pelos alunos, e a partir disso, desenvolver planejamentos didáticos que possam supri-las de forma interativa e dinâmica. Perante o exposto, Vieira e Valquind (2002) afirmam que as oficinas sustentam em si a oportunidade de:

[...] abertura de espaços de aprendizado que buscam o diálogo entre os participantes. Na oficina surge um novo tipo de comunicação entre professores e alunos. É formada uma equipe de trabalho, onde cada um contribui com sua experiência. O professor é dirigente, mas também aprendiz. Cabe a ele diagnosticar o que cada participante sabe e promover o ir além do imediato. (VIEIRA; VALQUIND, 2002. p.17)

Por essa razão, a prática na oficina pedagógica deve ser de maneira colaborativa compreendendo os dois lados do processo: professor/alunos, com perspectivas que integram a oficina pedagógica e a prática, visto que o propósito maior é transpor as barreiras e, pois, objetiva romper as barreiras e dificuldades para a promoção de um ensino que contemple uma aprendizagem eficaz e significativa.

De acordo com a BNCC (2017, p.65-66), “proporcionar às estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens”.

É relevante destacar que o professor pode criar situações e condições para que o aluno consiga atingir a mais do que é ensinado em sala de aula, ou seja, que a partir dos conhecimentos na prática com o ensino de língua, por meio dos gêneros, o aluno possa potencializar habilidades que o permita associar, identificar, verificar, refletir sobre o uso da língua nas variadas esferas sociais, com a expectativa de formação de um sujeito participativo e que compreenda as nuances da linguagem.

Vieira e Volquind (2002, p. 36) ressaltam que a oficina não é somente um lugar

para aprender fazendo, mas, sobretudo, para desenvolver o pensar, o sentir, o intercâmbio de ideias, a problematização, o jogo, a investigação, a descoberta e a cooperação”.

Percebe-se a importância que o trabalho com as oficinas pedagógicas desenvolve no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que assegura possibilidades de refletir sobre conceitos, críticas, julgamentos e pensamentos que permitem uma ampliação dos saberes e uma colaboração mais engajada dos alunos. Por conseguinte, o trabalho com as oficinas pedagógicas tem o intuito de culminar em uma produção de um telejornal a partir de gêneros da esfera literária e contribuir para o multiletramento dos alunos.

CAPÍTULO 4 – IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO “TELEJORNAL EM SALA DE AULA”

Neste capítulo, apresentamos o Projeto “Telejornal em sala de aula”, suas etapas de execução, a descrição de suas oficinas pedagógicas e uma reflexão sobre sua implementação.

4.1 ETAPAS DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

O Projeto “Telejornal em sala de aula” teve como ponto de partida o envio de correspondência aos pais e a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) por eles. Para o seu desenvolvimento, como mencionamos anteriormente, foram desenvolvidas cinco oficinas pedagógicas de forma remota. Entretanto, antes de dar início a elas, houve uma conversa informal com os alunos em que explicamos cada etapa que seria desenvolvida ao longo do projeto e assim como a atividade de socialização que seria realizada ao seu término. Antes do início da primeira oficina, os alunos foram levados a assumirem o compromisso de participar e de realizar as atividades propostas por nós no decorrer do projeto.

Segue abaixo, um quadro demonstrativo das etapas de execução do Projeto “Telejornal em sala de aula”.

Quadro 3: Projeto “Telejornal em sala de aula”: Etapas de execução

| PROJETO “TELEJORNAL EM SALA DE AULA” | | |
|---|-------------------------------|-----------------|
| Professora: Ivandra Carla Bocalão | Série: 9º Ano | Turma: B |
| Carga Horária: 24 h/a | Ambiente: sala virtual | |
| Objetivo Geral: | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar uma proposta de trabalho com a leitura e a produção de um telejornal em uma perspectiva dialógica. | | |
| Objetivos Específicos: | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Promover nos alunos a consciência crítica sobre o papel que a televisão exerce na sociedade. | | |

- Levar os alunos a terem uma postura responsiva ativa mediante a recepção do telejornal, possibilitando a identificação e a construção de novos enunciados.
- Contribuir para que os alunos sejam levados à produção de um telejornal voltada para o uso da língua de forma dialógica e situada, em que eles se reconheçam como o autores do texto.
- Desenvolver o protagonismo dos alunos por meio do uso social das práticas de leitura e escrita.

ETAPAS DA IMPLEMENTAÇÃO

| | |
|------------------|---|
| 1º ETAPA: | Apresentação do projeto |
| 2º ETAPA: | Aplicação das oficinas pedagógicas |
| 3º ETAPA: | Socialização do Telejornal produzido pelos alunos |

4.2. IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO: DESCRIÇÃO E REFLEXÕES

Nesse momento, partimos para a descrição de cada uma das cinco oficinas desenvolvidas durante a implementação do Projeto “Telejornal em sala de aula” que constam na Produção Técnica Educacional. Também apresentamos a reflexão sobre a participação dos alunos, os progressos alcançados e as dificuldades que apareceram durante a execução das oficinas.

4.2.1. Oficina 1: “A Mídia Televisiva: Teia de Eventos Audiovisuais”

| OFICINA 1 | | |
|---|-------------------------------|-----------------|
| Professora: Ivandra Carla Bocalão | Série: 9º Ano | Turma: B |
| Carga Horária Prevista: 4h/aulas | Ambiente: sala virtual | |
| Objetivo Geral | | |
| - Reconhecer e refletir sobre a influência da televisão na sociedade. | | |
| Objetivo Específico | | |
| - Compreender alguns elementos que compõem o processo televisivo. | | |
| METODOLOGIA | | |
| - Sondagem do conhecimento prévio do aluno sobre meios de comunicação | | |

de massa.

- Clipe oficial da música “Televisão”, da banda Titãs.
- Leitura e discussão sobre a letra da música.
- Questões interpretativas sobre a música.
- Leitura da crônica “Ela”, de Luís Fernando Veríssimo, com uma proposta de conversa com um familiar e responder as questões sobre o tema, a quem o texto faz referência, a interferência da televisão nas atitudes dos seres humanos.

Fonte: autoria própria

Nesta oficina, foram abordadas questões relativas aos meios de comunicação de massa, oportunizando a reflexão e discussão dos alunos sobre esses meios: quais os mais usados por eles e qual a importância de cada um na esfera jornalística. O ponto culminante da discussão foi relacionado às mídias sociais, as mais utilizadas pelos alunos, apontaram como procedem ao uso dessas ferramentas e suas vantagens e desvantagens. Em seguida, foi discutida a importância de se trabalhar o tema “Televisão” com o propósito de explorar tanto a sua influência no comportamento dos indivíduos como seu papel social na sociedade. Isso se deu a partir da letra da música “Televisão”, da banda Titãs, que provocou uma discussão de divergências de ideias por parte dos alunos, pois uns defendiam que esse veículo não exercia influência sobre os telespectadores, já outros concordavam com os argumentos apresentados na canção sobre a má influência da mídia TV.

Aproveitando o engajamento dos alunos, foi proposta uma tarefa para casa, sendo que os alunos deveriam fazer a leitura com um membro da família sobre a crônica “Ela”, de Luís Fernando Veríssimo, que aborda o mesmo tema da música, a televisão. Ainda os alunos realizaram algumas questões que provocam reflexões quanto o papel da televisão nos lares brasileiros.

4.2.1.1. Reflexões sobre a implementação da Oficina 1

Essa oficina ocorreu praticamente como planejada, foi muito produtiva, portanto, não faríamos nenhuma modificação nem no seu planejamento. A discussão sobre a letra da música “Televisão”, da banda Titãs, revelou que os alunos

conseguiram interagir com a letra da música, percebendo a crítica e permitindo uma posição responsiva ativa. A correção sobre a atividade realizada junto com um familiar gerou um resultado satisfatório, pois os alunos comentaram as respostas, e alguns discordavam sobre o posicionamento do familiar, defendendo sua opinião. Isso revelou que o aluno estava a cada dia construindo as suas ideias e as defendendo, mostrando uma consciência crítica sobre o papel social e da influência que a televisão exerce na sociedade.

4.2.2. Oficina 2 – “Jornalismo em Diferentes Mídias”

| OFICINA 2 | | |
|---|-------------------------------|-----------------|
| Professora: Ivandra Carla Bocalão | Série: 9º Ano | Turma: B |
| Carga Horária Prevista: 4 h/aulas | Ambiente: sala virtual | |
| Objetivo Geral | | |
| - Estimular o senso crítico a partir das leitura dos gêneros do campo jornalístico. | | |
| Objetivo Específico | | |
| - Compreender a linguagem utilizada nos diferentes veículos de comunicação. | | |
| METODOLOGIA | | |
| - Leitura do texto: “A Influência da TV no nosso Cotidiano” e confronto com os outros textos trabalhados sobre a televisão para preencher a tabela sobre os pontos positivos e negativos do tema televisão. | | |
| - Leitura do texto “TV uma janela para o mundo?” | | |
| - Formatos e gêneros da televisão. | | |
| - Diferença entre jornalismo opinativo e informativo. | | |
| - Leituras de vários fragmentos de jornais impressos para detectar se eles correspondem a um fato ou opinião. | | |
| - Discussão sobre o que é ética e leitura silenciosa sobre jornalismo e ética. | | |
| - Classificação dos gêneros da esfera jornalística quanto opinativo ou informativo. | | |
| - Análise de uma quadro demonstrativo sobre a diferença entre notícia e reportagem. | | |
| - Assistir uma reportagem e notícia televisiva e preencher o a tabela com as | | |

características correspondentes de cada uma.

- Reconhecer o gênero notícia e reportagem e suas características.
- Diferença entre notícia e reportagem.

Fonte: autoria própria

Nesta oficina, os alunos retomaram os textos estudados e discutidos na oficina anterior. Em seguida, realizaram a leitura do texto “TV uma janela para o mundo?”. Elencaram os prós e os contras da televisão ao preencherem uma tabela. Nesta atividade, os alunos tiveram a oportunidade de justificar suas escolhas perante a turma, o que gerou um debate acerca das divergências de opiniões, pois foi levantado na discussão a possibilidade de a televisão contribuir para a aquisição de conhecimento e fomentar uma visão crítica dos temas abordados.

Na sequência, foram abordados alguns pontos sobre a programação televisiva, quanto à frequência que assistem a determinados programas, os quais são mais interessantes na visão deles, o que eles mudariam na grade de programação de uma emissora e o que deveria predominar mais em uma programação: a educação, a informação ou o entretenimento. As respostas deles foram na maioria a favor de que a grade de uma emissora deveria dosar um pouco de cada conteúdo. Perceberam que a educação era o ponto menos abordado em uma programação televisiva, essa estratégia foi bem-sucedida, pois os alunos tiveram a chance de apontar sugestões para programas que sejam mais educativos.

Para abordagem do tópico sobre o jornalismo opinativo e o informativo, foram realizadas algumas perguntas norteadoras quanto ao papel do jornalismo na sociedade e se ele contribui ou não para a reconstrução da realidade em si. Durante essa discussão, detectou-se que a maioria dos alunos não tinha contato nem com o jornalismo televisivo e nem o impresso e que a única fonte de informação deles são as redes sociais, fato que nos surpreendeu muito e nos fez ter certeza de quão importante era o projeto. Apesar disso, eles reconheceram a importância de se informarem por meios confiáveis.

A partir disso, as duas categorias do jornalismo (o opinativo e o informativo) foram exploradas mediante leitura de um texto. Partiu-se para a atividade de reconhecimento de um fato ou opinião dos fragmentos retirados dos jornais e ainda justificar a sua resposta e para o reconhecimento dos gêneros opinativos e

informativos. Para a atividade de relacionar os gêneros indicando se eles eram da ordem do opinar ou informar, as respostas foram disponibilizadas no mural do *Google Classroom*, exceto à correspondente ao fato e à opinião, feitas coletivamente para que os alunos apontassem as marcas presentes nos fragmentos e confirmassem quais tratavam de um fato e/ou de uma opinião. Esse foi um exercício com um alto grau de acertos.

Em seguida, abrimos um tópico para falar de ética no jornalismo e os valores jornalísticos (interesse do público, objetividade, credibilidade, legitimidade, veracidade e liberdade de expressão), estabelecendo uma comparação com os jornais reconhecidos nacionalmente e os da região.

Nessa mesma oficina, alunos ainda tiveram acesso ao quadro que apresentava a diferença entre o gênero notícia e a reportagem, possibilitando uma troca de informações a respeito do assunto e levantando alguns pontos obscuros para os alunos. Em seguida, foi solicitado para que o aluno, em sua casa, assistisse um telejornal e assinalasse na tabela as características que são pertencentes a um gênero e a outro.

4.2.1.2. Reflexões sobre a implementação da Oficina 2

Percebemos um resultado efetivo na atividade relacionada ao fragmento dos jornais para reconhecer quando se tratava de um fato ou opinião. Isso ficou bem claro no desenvolvimento da atividade, porque ao realizá-la não tiveram nenhuma dificuldade. No entanto, na proposta da atividade de assistir ao jornal para preencher a tabela com as características da reportagem e da notícia, não tivemos o resultado esperado. A maioria não assistiu e, sendo assim, não realizaram as atividades propostas. Diante dessa situação, foi oportunizado a eles que assistissem na sala juntamente com a professora. Após o término da assistência, foram levantadas algumas questões para detectar, na visão deles, o que era uma notícia e uma reportagem.

Na realidade, constatamos que os alunos não conseguiram explicar muito bem essa diferença, com algumas divergências. Certamente, eles sabiam o que era o gênero notícia, mas não tinham muito conhecimento do gênero reportagem, o que exigiu uma nova postura mediante a esse tópico.

4.2.3. Oficina 3 – “Notícia: Matéria-prima para o jornalismo”

| OFICINA 3 | | |
|---|-------------------------------|-----------------|
| Professora: Ivandra Carla Bocalão | Série: 9º Ano | Turma: B |
| Carga Horária Prevista: 4h/aulas | Ambiente: sala virtual | |
| Objetivo Geral | | |
| - Compreender o papel social da notícia. | | |
| Objetivo Específico | | |
| - Reconhecer as características da notícia e da reportagem. | | |
| METODOLOGIA | | |
| <ul style="list-style-type: none"> - Explicação do gênero notícia (estilo, estrutura, característica e linguagem). - Pirâmide Invertida no jornalismo impresso e contextualizar com a pirâmide deitada para dar conta do atual processo tecnológico que ser humano encontra-se. - Apresentação da tabela com a estrutura da notícia e uma notícia para visualizar cada elemento que compõe a notícia. - Leitura silenciosa da notícia “Homem tetraplégico e com deficiência impedido de tomar vacina contra Covid porque não recebe BPC” do Estadão, 2021. - Questões sobre a notícia em estudo quanto ao tema, recursos empregados para atrair a atenção do leitor. - Atividade quanto aos elementos que constituem a notícia, preenchendo o quadro quanto ao destinador, público-alvo, propósito comunicativo, tema e linguagem. - Leitura do conto o Assalto, trabalhando questões de interpretação e de semântica. | | |

Fonte: autoria própria

Nessa oficina, antes de iniciar o estudo com o gênero notícia, foi feito um levantamento do conhecimento prévio dos alunos, constatamos que eles já tinham uma boa noção sobre o gênero, pois já tiveram contato com esse gênero nos anos anteriores. Dessa forma, o estudo tornou-se mais satisfatório, os alunos participaram, contribuindo com seus conhecimentos que possibilitou uma aula mais dinâmica e interativa.

Os alunos fizeram a leitura silenciosa da notícia “Homem tetraplégico e com

enfisema impedido de tomar vacina contra Covid, porque não recebe BPC” do Estadão, 2021. Sobre o texto em foco, fizeram apontamentos quanto ao contexto da notícia e a realidade que eles enfrentam por causa da pandemia. Também relataram casos parecidos que eles conheciam sobre o mesmo assunto ou parecido. Em seguida, responderam algumas questões que estavam relacionadas com a estrutura, o uso do tempo verbal e a questão da neutralidade na notícia. Essa atividade foi trabalhada oralmente com pouca intervenção da professora, pois a notícia tinha sido bem discutida anteriormente e, em consequência, os alunos não tiveram dificuldade em respondê-las.

No trabalho com o gênero literário, ao invés de os alunos lerem o conto “O Assalto” foi solicitado que fechassem os olhos e ouvissem um áudio que correspondia à narração do conto. Com isso, pretendíamos levá-los a imaginar a história narrada como se eles fizessem parte dela. Em seguida, a fim de checarmos se realmente tinham entendido a narrativa, escolhemos dois alunos para contarem a história apresentada no áudio e colocamos à prova a máxima de quem conta um conto, acrescenta um ponto.

Propusemos, a seguir, que todos acompanhassem a leitura oral do texto, realizada por nós e apresentada a eles em *slides* no *Classroom*. Em seguida, discutissem questões relativas à leitura e à interpretação do conto, assim como observassem as regularidades do gênero. Como a tarefa final dessa oficina foi requisitada a produção de uma notícia a ser veiculado no telejornal que eles iriam produzir posteriormente na oficina 5.

4.2.1.3. Reflexões sobre a implementação da oficina 3

No desenvolvimento da atividade relacionada ao conto “O Assalto” encontramos um pouco de dificuldade para realizá-la. Tudo ficou mais complicado por se tratarem de aulas remotas, pois os alunos resistem em abrir as câmeras durante os encontros síncronos. Apesar disso, os alunos responderam as expectativas, relatando o fato com uma sequência lógica, apenas esquecendo alguns pormenores, visto que o conto é rico em detalhes.

O tempo de 4h/a para essa oficina também foi pouco, porque os alunos gastaram muito tempo em todas atividades, onde tivemos o encerramento bem apertado ao fim da aula. Portanto, para essa oficina, precisaríamos de um tempo maior

para a concretização das atividades propostas, sem a exclusão das que foram pensadas.

4.2.4.Oficina 4 – “O Telejornal”

| OFICINA 4 | | |
|--|-------------------------------|-----------------|
| Professora: Ivandra Carla Bocalão | Série: 9º Ano | Turma: B |
| Carga Horária Prevista: 4h/aulas | Ambiente: sala virtual | |
| Objetivo Geral | | |
| - Compreender o Telejornal e suas especificidades. | | |
| Objetivo Específico | | |
| - Diferenciar notícia impressa da notícia televisiva. | | |
| METODOLOGIA | | |
| <ul style="list-style-type: none"> - Sondagem sobre o conhecimento prévio do aluno sobre o suporte Telejornal, quais os gêneros que o compõe e o de maior destaque. - Leitura de um texto sobre o telejornal, compreendendo as características peculiares do gênero. - Estudo das ações que envolvem o telejornal antes de ir ao ar, por meio de atividade de relacionar. - Discussão em torno dos aspectos sequenciais que estão relacionados ao gênero na hora que ele vai ao ar. - Vídeo de uma reportagem para análise quanto se as etapas sequenciais foram respeitadas, a postura, a locução e a expressão facial do âncora. As imagens escolhidas para compor a reportagem, e os recursos utilizadas para dar mais credibilidade. - Questões para o entendimento das características do telejornal. - Discussão sobre linguagem do telejornal (audiovisual). - Análise de uma notícia televisiva e de uma notícia impressa, pontuando o impacto das imagens utilizadas em cada uma e a comparação entre ambas. - Leitura e discussão sobre “O Efeito da espetacularização no Telejornal”. - Vídeos (reportagem) sobre “O atentado de 11 de Setembro de 2001” e “Choro diante das cenas de violência em Pinheirinhos” para trabalhar o efeito de | | |

espetacularização no noticiário televisivo.

- Leitura e discussão sobre o papel do âncora, e vídeos de três telejornais de horários distintos para comparar por meio de questões norteadoras.
- Produção de uma notícia a partir do conto “O Assalto”.
- Explicação sobre o preenchimento de roteiro de Telejornal.
- _ Atividade de relacionar cada profissional de um telejornal e a sua área de atuação.

Fonte: autoria própria

No primeiro momento desta oficina, realizou-se uma sondagem à respeito do conhecimento prévio dos alunos quanto ao suporte telejornal, se eles tinham o hábito de assistir, qual é o preferido dele e da família. Discussão sobre as características sobre a diferentes temáticas, espaços e temporalidade que abrangem os noticiários televisivos com intuito de mostrar mais dinamicidade.

Os alunos assistiram à reportagem de um telejornal e, por meio da ferramenta do *Joambord*, foram pontuando algumas características que eles perceberam durante a apresentação da reportagem, relacionadas à expressão facial, gestual e locução do âncora. Os recursos utilizados para expressar maior credibilidade, como depoimento dos envolvidos, imagens e etapas sequenciais.

Discussão sobre a importância da linguagem do telejornal e suas características, já que esse gênero se caracteriza como uma produção audiovisual. Para isso, foi proposto a eles que assistissem à notícia televisa e fizessem comentários no *Chat* sobre a relevância das imagens e a sua qualidade.

Em seguida, foi realizada a leitura da notícia impressa “Cubanos saem às ruas sob gritos de “abaixo a ditadura” e, logo após, eles assistiram à notícia televisa que tratava do mesmo fato. Fizeram uma comparação entre as duas notícias (impressa e televisual) quanto ao ponto de vista sobre o fato noticiado, à linguagem verbal e não-verbal empregada, ao papel dos âncoras e aos recursos técnicos utilizados, assim como os efeitos de sentidos promovidos por eles. A partir das respostas dos alunos, foi discutido a questão do efeito de espetacularização no telejornal muito recorrente nos dias atuais.

Partindo desse pressuposto, foi oportunizado o vídeo sobre “O atentado de 11 de setembro de 2001” e o “Choro diante das cenas de violência em Pinheirinhos”, em

que foi enfatizado para os alunos os recursos apelativos e de ordem emocional utilizados para chamar a atenção do telespectador e, de certa forma, causar comoção. Esse momento, foi aberto para a discussão. Os alunos se posicionaram mediante o assunto, levantando pontos de concordância sobre o tema, e ainda deram vários exemplos que isso realmente acontece. Essa atividade obteve uma participação ativa dos educandos, pois eles conseguiram apontar os jornais que trabalhavam a apelação para atrair atenção dos telespectadores.

Após o término da discussão, foi apresentado três fragmentos de telejornais sobre o trabalho dos âncoras, e partir disso, eles responderam algumas questões relacionadas a sua postura, seu comportamento diante das câmeras e se isso pode influenciar algum posicionamento ou juízo de valor. Realizaram uma atividade de relacionar o profissional com a sua atuação e a correção se deu oralmente. Em seguida, foi apresentado o roteiro do telejornal para que os alunos entendessem o processo de preenchimento, para dar início ao próprio roteiro deles.

4.2.1.4. Reflexões sobre a implementação da oficina 4

Percebemos que em todas as atividades que envolveram o posicionamento dos alunos deram a oportunidade de se expressarem sobre o tema proposto. Isto propicia aos educandos uma resposta responsiva ativa, mediante a situações que envolveram o gênero em estudo, possibilitando a construção de novos enunciados.

A intenção, nesse momento, foi a de levá-los à comparação das duas notícias (impressa e televisiva) e, conseqüentemente, às diferentes condições de produção de cada um dos gêneros. No caso desta oficina, um dos fatores que deveríamos ter pensado melhor foi relativo às imagens estáticas e às em movimento. Talvez devêssemos ter explorado mais os recursos audiovisuais para que eles tivessem, posteriormente, mais subsídios para a produção do próprio telejornal.

4.2.5.Oficina 5 – “A Construção do Telejornal”

| | | |
|--|----------------------|-----------------|
| OFICINA 5 | | |
| Professora: Ivandra Carla Bocalão | Série: 9º Ano | Turma: B |

| | |
|--|-------------------------------|
| Carga Horária Prevista: 8 h/aulas | Ambiente: sala virtual |
| Objetivo Geral | |
| - Produzir um telejornal | |
| Objetivo Específico | |
| - Entender o processo de processo do telejornal. | |
| - Verificar a imparcialidade presente no telejornal. | |
| METODOLOGIA | |
| <ul style="list-style-type: none"> - Leitura e discussão sobre a imparcialidade no discurso jornalístico. - Vídeo: sátira sobre a imparcialidade. (Muda Brasil). - Análise de dois vídeos sobre a mesma notícia “Bolsonaro provoca aglomeração ao pular no mar em praia do litoral paulista” “Presidente Bolsonaro mergulha e se aglomera em Praia Grande (SP)”, mas em emissoras diferentes. -Discussão sobre os diferentes encaminhamentos dados a um mesmo fato noticiado pelos telejornais de acordo com seus interesses políticos, econômicos e ideológicos das emissoras. - Leitura e interpretação da crônica “A Velhinha Contrabandista,” de Stanislaw Ponte Preta. -Leitura e interpretação do conto “Tragédia Brasileira”, de Manuel Bandeira. - Em equipe, realização de discussão e de planejamento da produção de uma notícia a partir da leitura da crônica “A Velhinha Contrabandista,” de Stanislaw Ponte Preta. -Em equipe, realização de discussão e de planejamento da produção de uma notícia a partir da leitura do conto “Tragédia Brasileira”, de Manuel Bandeira. -Em equipe, realização de discussão e de planejamento da produção de uma reportagem sobre a violência urbana a partir da leitura do conto “O Assalto”, de Carlos Drummond de Andrade realizada durante a oficina 4. -Divisão entre os alunos das atribuições relativas à produção do telejornal (elaboração da vinheta, do roteiro do telejornal, das notícias e da reportagem, construção de <i>teleprompter</i>) -Escolha de quem exerceria o papel de âncora e de repórter. -Encaminhados de quatro vídeos para serem assistidos em casa e auxiliar na produção do telejornal (vídeo 1:Tutorial de como elaborar um Telejornal; vídeo | |

2: Tutorial Conexão UFSC – Modo de fazer telejornal; vídeo 3: Tutorial como fazer Vinhetas; vídeo 4: Tutorial de *Movie Maker* – para iniciantes).

- Correção e refacção das notícias e reportagem a serem veiculadas no telejornal.
- Construção do *teleprompter*.
- Ensaio para as gravações do telejornal.
- Produção e refacção da gravação.
- Postagem do telejornal no *Youtube*.

Fonte: autoria própria

Nessa oficina, iniciamos pela discussão sobre a imparcialidade no discurso jornalístico, a partir do vídeo, no qual os alunos tinham que explicar o seu entendimento sobre o conteúdo e a sua intencionalidade. Os alunos perceberam as sátiras e pontuaram a respeito dando alguns exemplos. Depois disso, fizeram a leitura do texto “A Imparcialidade no discurso jornalístico”, isso resultou em posicionamento e participação dos alunos, que após a conversa, assistiram ao vídeo e responderam algumas questões pertinentes ao tema proposto. As respostas foram bem condizentes, no entanto ainda alguns alunos não conseguiram interagir, tendo a necessidade de retomar o tema.

Foi realizada a correção das questões sobre imparcialidade, em seguida, foram apresentados os dois textos literários para o estudo da compreensão e para a proposta de elaboração das notícias, a partir desses textos bases. Depois da leitura, fizemos um momento de breve interação sobre os dois textos e os alunos responderam às questões propostas. A partir disso, teve início o processo de elaboração do Telejornal da turma, com indicação de tarefa para casa, assistirem aos vídeos que poderiam auxiliá-los na produção.

Na entrega das notícias que vão incorporar o telejornal, ocorreram várias reescrita a até a versão final. Deu-se o momento da formação das equipes, nas quais dividiram as tarefas entre os participantes. A partir disso, iniciou-se as gravações para o telejornal.

A produção do telejornal foi um resultado satisfatório, em relação a participação e o envolvimento dos alunos na produção, todos uniram-se para um único objetivo, a produção do telejornal, discutiam entre si, a melhor maneira de o âncora posicionar-se, elaboravam as falas do apresentador, e discutiam quais seriam as mais

pertinentes, foram incansáveis filmagens e refilmagens para atingir um bom resultado.

Após o término da produção do telejornal, foi o momento dos alunos assisti-lo, esse parte foi muito gratificante, pois no final, foi aberto um momento para a discussão sobre a produção, ao alunos ficaram felizes com o seu trabalho pronto, com ar de dever cumprido, mas, por outro lado, eles conseguiram perceber que faltaram alguns detalhes que poderiam ter contribuído para um melhor resultado, e foram apontando tudo que poderiam ter feito para melhorá-lo. Isso foi surpreendente, pois mostra que eles compreenderam a funcionalidade e o papel desse gênero na sociedade.

O que segue são as imagens dos textos produzidos e também a imagem da apresentação do telejornal, que pode ser visto na íntegra no link que remete ao vídeo no *site* do *Youtube*.



Aluno Vinícius – apresentação do telejornal - Link de acesso: <https://youtu.be/np1zXV-pp7Y>

IDOSA É PRESA POR CONTRABANDO

Hoje, por volta das 6 horas da manhã, uma senhora de 78 anos, conhecida como Dolores Lundes da Silva, foi detida pela Polícia Rodoviária, na fronteira do Paraná com o Rio Grande do Sul.

A idosa, que reside em Quaira, no Paraná, foi levada pela Polícia Federal à delegacia, onde confessou o contrabando de lambretas. Segundo informações da polícia, a mulher responderá pelo crime e ficará detida até o julgamento.

Texto 1: Produção de texto no projeto: Aluna Lara, aluna do 9 Ano B/2021

Senhora da voz de assalto em feira

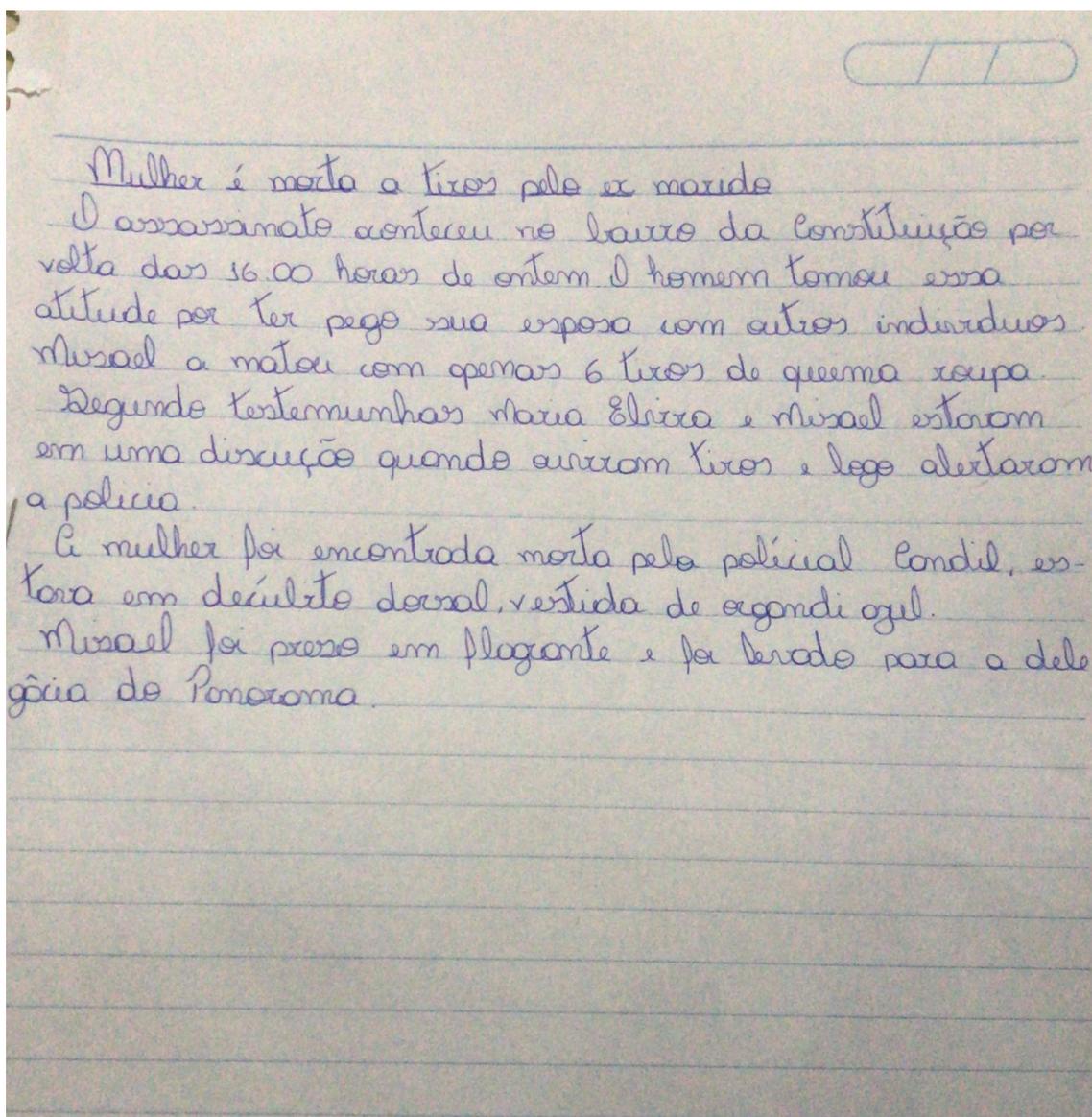
São Paulo dia 15 de julho, quinta feira, uma idosa anunciou assalto na feira onde estava, quando depa-
rou-se com o valor do chuchu.

Dona Célia ficou conhecida de uma forma diferente ao gritar "É um assalto, é um assalto". De acordo com os que estavam no local, foi um momento de desespero para todos, por de fato acharem que estava havendo um roubo na feira.

A senhora ficou espantada ao ver que o preço do chuchu sofreu aumento e anunciou o assalto à população presente, a diferença é que ela estava referen-
do-se ao valor imposto daquele determinado ali-
mento.

Durante o ocorrido, policiais interromperam anunciando voz de prisão para a idosa. Dona Célia foi levada e interrogada. Ela explicou aos policiais o motivo por ter causado todo transtorno e logo foi solta para retornar à sua casa.

Texto 2: Produção de texto no projeto: Aluna Ana Júlia, aluna do 9 Ano B/2021



Texto 3: Produção de texto no projeto: Nicolle, aluna do 9 Ano B/2021

4.2.1.5. Reflexões sobre a implementação da oficina 5

Foi a oficina que os alunos mais se empenharam. Constatamos que, para eles, tudo era um desafio, despertando neles um “prazer em fazer” e não o sentimento de “fazer por obrigação”. O presente módulo nos deixou admirada, pois alguns alunos na primeira atividade acionaram conhecimentos aprendidos até aquele momento sobre a estrutura composicional do gênero, empregando em seus apontamentos questões do aspecto linguísticos, visuais, sonoros. As atividades pensadas para o módulo foram bem executadas, sendo assim, não faríamos nada de forma diferente.

O módulo ocorreu praticamente como planejado, pelos resultados

apresentados por meio do desenvolvimento das atividades pudemos perceber a importância que estavam dando ao projeto e às atividades desenvolvidas por meio dele. Acreditamos que um fator teve importância significativa para o interesse pelo projeto, que foi a produção do telejornal e sua exibição pronto para toda a sala, proporcionando o protagonismo do aluno no processo de ensino/aprendizagem. Os alunos relataram que ficaram emocionados ao assistirem à produção realizada por eles, foi uma experiência marcante e muito entusiasmante. Alguns até disseram ter se sentido importantes.

Foi permitido que, após a exibição do telejornal, os alunos pontuassem as dificuldades e desafios encontrados durante a produção de seu telejornal. Ficamos surpresa, pois os alunos relataram que se tivessem mais tempo fariam novamente, pois constataram vários detalhes que poderiam melhorar a produção. Em decorrência disso, pensamos que essa oficina deveria ser repensada com um tempo maior de execução para desenvolvimento das atividades, mesmo que considerarmos que foi uma experiência muito gratificante no tempo proposto.

A presente oficina exigiu de nós um maior empenho, imaginávamos que a adesão deles seria pequena, pelo fato de ser um gênero que exige dos alunos muito comprometimento, em relação à oralidade e à escrita, pois notamos que há uma dificuldade para encontrar alunos dispostos a expor-se oralmente. Apesar de tudo, as atividades ocorreram de forma prazerosa e com a participação ativa dos alunos.

Os alunos se sentiram muito motivados, nessa oficina, pontuando a opinião deles sobre o projeto, concluímos que de modo geral, eles entenderam sobre o gênero e, principalmente, conseguimos evidenciar uma melhora no desenvolvimento do protagonismo dos alunos por meio do uso social das práticas de leitura e escrita. Para eles, a melhora foi motivo de grande orgulho,

Outro fator que vale ressaltar é que muitos mudaram de opinião sobre o gênero trabalhado. Aqueles que no começo estranharam o projeto, pois não tiveram contato com o gênero, retomaram seus conceitos. Alguns comentaram que, por meio dos vídeos exibidos e a forma como as aulas foram conduzidas, não houve maneira de continuar com o mesmo pensamento, porque eles foram inseridos no contexto que para eles era um pouco “desconhecido” e conseguiram sair dele com saberes, porque trabalharam com algo em que viram no uso real da língua de forma dialógica e situada, reconhecendo-se como autores do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso interesse em trabalhar com textos advindos das mídias surgiu logo após terminar nosso curso de graduação em Letras. Nessa época, a relação mídia e ensino se mostrou ser de grande importância para a educação, o que fez com que nos interessássemos, cada vez mais, por temas que envolvessem uma educação para as mídias. Tínhamos consciência do papel exercido por esse meio para as mudanças culturais e sociais, intervindo de forma significativa no comportamento, no pensamento e, até mesmo, no modo de viver das pessoas.

Sempre lembrávamos sempre da luta de Paulo Freire em estabelecer uma relação entre a educação, dando ênfase a importância de contemplar a comunicação como algo substancial dentro do processo educativo. Entretanto, foi ao iniciar os estudos de pós-graduação na Universidade Estadual de Londrina, especificamente no mestrado profissional em Letras-PROFLETRAS que vimos a oportunidade em concretizar o sonho de aprender como promover no aluno uma consciência crítica em relação às mídias. A cada crédito cursado e encontro de orientação, as coisas iam ficando mais claras. O caminho a ser trilhado seria longo e árduo e iria de encontro a pesquisas que tratavam sobre multiletramentos, recepção, produção e oralidade em uma concepção dialógica, gêneros discursivos multimodais/ multissemióticos e televisão, a mídia mais presente nos lares brasileiros.

Com a disseminação do Coronavírus Sars-Cov-2, causador de uma das maiores pandemias da História da humanidade, foi que nosso interesse por trabalhar com o gênero telejornal em sala de aula surgiu. Como dissemos anteriormente, na introdução deste trabalho, foi observando a importância do noticiário televisual naquele contexto pandêmico, mas também o seu poder, já que compo o quadro de serviços considerados essenciais para a nação, pode ser visto como fonte de informação dos acontecimentos do dia a dia, como formador de opinião e, até mesmo, como “responsável por um novo *ethos* social, uma vez que mobiliza fundamentos de sistema que trabalha a representação simbólica como meio de inclusão e exclusão social” assim como se referia Saito (apud NASCIMENTO, 2014).

Fato que nos deu a certeza de que era imprescindível levar o telejornal para escola dentro da escola de forma que possibilitasse aos alunos assumirem diversos posicionamentos e práticas dialógicas, mas que seria um grande desafio. Sabíamos

que para desenvolver um trabalho efetivo com esse gênero jornalístico deveríamos levar em conta duas questões: 1) a leitura e produção desse gênero serem atividades interacionais altamente complexas, consequência das muitas linguagens (semioses) que o constituíam, mas também ensino remoto promovido pelo isolamento social; 2) elaborar um projeto didático e um produto técnico educacional tendo em vista o novo contexto de ensino e aprendizado gerado pelo ensino remoto instituído nas escolas por conta do isolamento social.

É de conhecimento que, na formação inicial e continuada de professores de Língua Portuguesa, ainda há pouca ênfase no ensino e aprendizagem de leitura e produção de textos que envolvem outras linguagens (semióticas) que a verbal. Também é de consenso entre os envolvidos com educação que as práticas pedagógicas, na perspectiva do ensino remoto, proporcionam grandes desafios, pois no mundo digital os professores e os alunos se depararam com uma nova forma de ensinar e nova forma de aprender, o que demanda uma capacitação do corpo docente e da equipe pedagógica, uma conscientização dos estudantes sobre esse novo contexto de ensino e aprendizagem, mas também uma estrutura, em termos de política pública estadual, para permitir a acessibilidade de todos os envolvidos (professores e alunos) à *Internet* e aos recursos tecnológicos, o que demandaria tempo e investimentos.

Apesar de todas essas dificuldades, a implementação do Projeto “Telejornal em sala de aula” contribuiu para o multiletramento dos alunos e deu a oportunidade a eles de exercerem seu protagonismo, quando tiveram que se organizar e mobilizar conhecimentos para produzir um telejornal coletivo e postarem em rede social. Também desenvolveu uma postura responsiva ativa mediante à recepção do telejornal e, conseqüentemente, uma visão crítica dele a partir do trabalho com gêneros multissemióticos como o telejornal, a notícia e a reportagem televisuais, compreendendo como os diferentes sistemas de linguagem (semióticas) contribuem para a construção do sentido textual.

Chegamos, ao final de nosso mestrado, como uma pesquisadora e professora realizada. No percurso, foram muitos tropeços e recomeços, sentimentos de angústia e dúvida, sacrifício em tirar tempo da família e do lazer, mas tudo valeu a pena. Saímos do mestrado com uma experiência e um aprendizado que jamais imaginamos ter, mais preparada para desenvolver práticas pedagógicas situadas que contribuam, de fato, com o multiletramento do aluno.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. F. **Gêneros Jornalísticos**: notícias e carta de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.
- BACCEGA, M. A. **Comunicação & Educação**. Do mundo editado à educação do mundo. Ano, XXIV, n. 2, jul./dez. 2019.
- BAKHTIN, M. M. 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2' cd. —São Paulo Martins Fontes, 1997
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARBOSA, J. P. **Trabalho com gêneros do discurso**: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. Tese de Doutorado.LAEL/PUC-SP, 2001.
- BENASSI, M. V. B. **O gênero “notícia”**: uma proposta de análise e intervenção. *In*: Anais do CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 2007.
- BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**/ organização Beth Brait. 2ª ed. Ver. Campinas, SP. UNICAMP, 2005.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BECKER, B. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.
- BUZEN, C, MENDONÇA, M. (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A.R; BEZERRA, M.A. **Gêneros Textuais & Ensino**. In: MARCUSCHI, L.A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.
- DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramentos. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B. BRITO, K.S. (orgs.). **Gêneros textuais**: Reflexões e Ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. p. 131-144.
- DUARTE, E. B. **Televisão**: Ensaios Metodológicos. Sulina. 2004.
- DUARTE, V.; CURVELLO, E. B. Telejornais: quem dá o tom? Elizabeth Bastos;

Capítulo de livro **Televisão e Realidade**. Itania Maria Mota Gomes (org) Salvador. Edufba, 2009.

EMERIM, C.; CAVENAGHI, B. ; FINGER, C. **Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo**. Sessões do Imaginário (Revista Eletrônica), Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 2-9, 2017.

FANINI, A. M. R. **Bakhtiniana**, São Paulo, 10 (2): 17-35, Maio/Ago.2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1974.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

JESPERS, J-J. **Jornalismo Televisivo**. Coimbra; Minerva, 1998.

KLEIMAN, A. B. Processos Identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise. (Org.). **Ensino de Língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado das letras, 2005. p. 75-91.

KLEIMAN, A. B. **Letramento e suas Implicações para o Ensino de Língua Materna**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

GOMES, I. M. M. **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Abril de 2007 - 2/31.

JENSEN, K-B. **Making sense of the news**. Towards a theory and an empirical model of reception for the study of mass communication, Aarhus/Denmark, Aarhus University Press, 1986

LAGE, N. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Vozes, Petrópolis, 1981/ 3ª ed. - Ufsc-Insular, 2001.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 454-479, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006

MOTTA, L. G. **Para uma antropologia da notícia**, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, S. Paulo, Vol XXV, no. 2. 2002

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. São Paulo: Campus, 2006.

ROJO, R. H. R. (org). **Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

ROJO, R. H., MOURA, E. (orgs). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo. Parábola, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SAITO, C. L. N. Homem Aranha II. Uma análise dos mecanismos enunciativos de um gênero da esfera da Criação cinematográfico. In: CRISTÓVÃO, V.L; NASCIMENTO, E.L. **Gêneros Textuais: Teoria e Prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

STREET, B. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: CUP, 1984.

SOARES, Magda Becker. Os Novos Estudos sobre o Letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. (Org.). **Cultura Escrita e Letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 33-53.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TRINDADE, Nelson. Teoria do Jornalismo. A tribo do jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. Conjectura. v. 14, n. 2, maio/ago. 2009, p. 77.

MOITA, F.M.G.S.C; ANDRADE, F.C.B. **O saber de mão em mão: A oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública**. Anais 29ª Reunião Anual, ANPED. GT Educação Popular. 2006.

VIEIRA. ; VOLQUIND, L. **“Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como?”**. 4º ed. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) senhor(a),

O(a) seu(sua) filho(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “Pedagogia de Projeto de Letramento: uma Proposta de Implementação no Ensino Híbrido”, cuja pesquisadora responsável é a professora Ivandra Carla Bocalão, mestranda na Universidade Estadual de Londrina/PR, no Programa PROFLETRAS.

Os objetivos do projeto são o de desenvolver práticas pedagógicas que levem os alunos a melhores habilidades de leitura e de escrita, também o de despertar o senso crítico dos alunos relacionados aos gêneros jornalísticos que serão contemplados no projeto, o de reconhecer que os telejornais podem ser tendenciosos, ampliando a capacidade cognitiva, discursiva e argumentativa do aluno e, por fim, o de desenvolver a autonomia para que os alunos consigam trabalhar no coletivo e compartilhar suas ideias na perspectiva do Ensino híbrido.

Caso aceite participar a participação do seu(sua) filho(a) consiste em uma Implementação de uma Produção Técnica Educacional: Projeto “Telejornal em sala de aula” com uma abordagem que contemple os vários elementos que compõem o telejornal, a fim de despertar o interesse do aluno para uma leitura mais crítica das nuances e estratégias que estão presentes nesse gênero. O projeto contará com diversas atividades síncronas e assíncronas, conforme o contexto de Ensino Híbrido, proporcionando contato com diversos gêneros relacionados ao Telejornal, por meio de uma perspectiva dialógica da linguagem.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você se recusar a participação de seu (sua) ou, mesmo, desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou a de seu (sua) filho(a). Esclareceremos, também, que suas informações, assim como imagens (fotografias e filmagem), serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade de seu(sua) filho(a).

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar: Ivandra Carla Bocalão, cel. (44) 99931-3341. Rua: Montes Claros 1,910, Jardim Tamoio – Umuarama, Paraná. Também no Colégio Estadual Monteiro Lobato. Ensino Fundamental, Médio e EJA á rua Amazonas, 3340 – Zona II tel.(44)3622-4344. Ou, até mesmo, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao prédio do LABESC – Laboratório

Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Londrina, ____ de _____ de 20__.

Pesquisador Responsável

Ivandra Carla Bocalão

Eu, _____ tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo que meu filho _____ participe voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) senhor(a),

O(a) seu(sua) filho(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “Pedagogia de Projeto de Letramento: uma Proposta de Implementação no Ensino Híbrido”, cuja pesquisadora responsável é a professora Ivandra Carla Bocalão, mestranda na Universidade Estadual de Londrina/PR, no Programa PROFLETRAS.

Os objetivos do projeto são o de desenvolver práticas pedagógicas que levem os alunos a melhores habilidades de leitura e de escrita, também o de despertar o senso crítico dos alunos relacionados aos gêneros jornalísticos que serão contemplados no projeto, o de reconhecer que os telejornais podem ser tendenciosos, ampliando a capacidade cognitiva, discursiva e argumentativa do aluno e, por fim, o de desenvolver a autonomia para que os alunos consigam trabalhar no coletivo e compartilhar suas ideias na perspectiva do Ensino híbrido.

Caso aceite participar a participação do seu(sua) filho(a) consiste em uma Implementação de uma Produção Técnica: “Bastidores do Telejornal” com uma abordagem que contemple os vários elementos que compõem o telejornal, a fim de despertar o interesse do aluno para uma leitura mais crítica das nuances e estratégias que estão presentes nesse gênero. O projeto contará com diversas atividades síncronas e assíncronas, conforme o contexto de Ensino Híbrido, proporcionando contato com diversos gêneros relacionados ao Telejornal, por meio de uma perspectiva dialógica da linguagem.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você se recusar a participação de seu (sua) ou, mesmo, desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou a de seu (sua) filho(a). Esclareceremos, também, que suas informações, assim como imagens (fotografias e filmagem), serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade de seu(sua) filho(a).

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar: Ivandra Carla Bocalão, cel. (44) 99931-3341. Rua: Montes Claros 1,910, Jardim Tamoio – Umuarama, Paraná. Também no Colégio Estadual Monteiro Lobato. Ensino Fundamental, Médio e EJA á rua Amazonas, 3340 – Zona II tel.(44)3622-4344. Ou, até mesmo, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao prédio do LABESC – Laboratório

Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Londrina, ____ de _____ de 20__.

Pesquisador Responsável

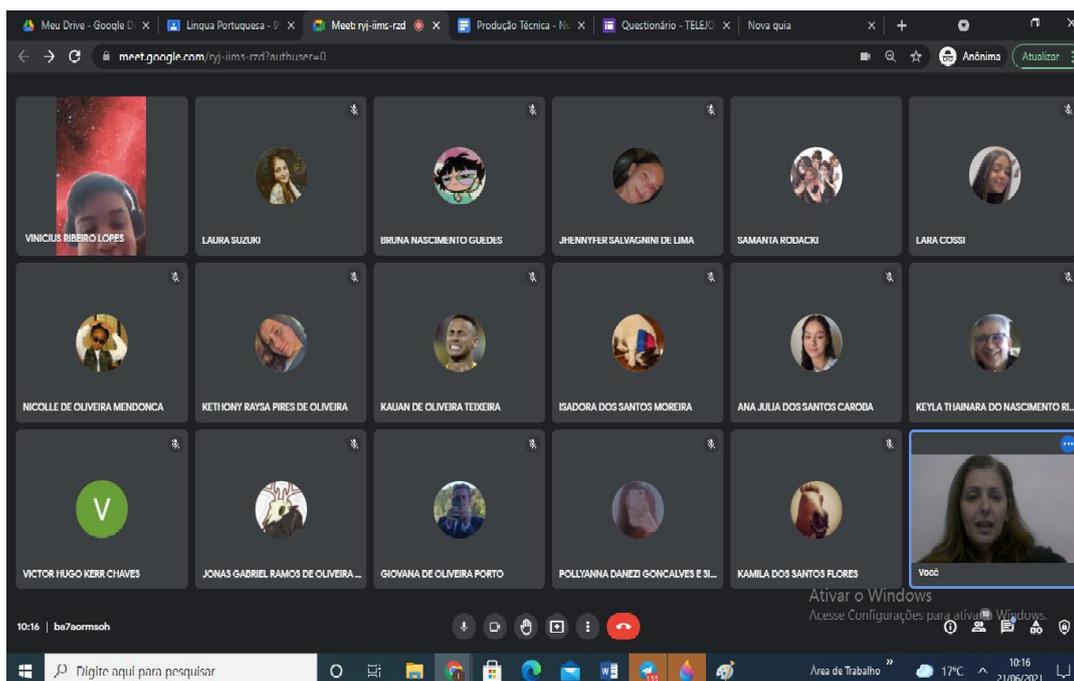
Ivandra Carla Bocalão

Eu, _____ tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo que meu filho _____ participe voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

APÊNDICE



Print de aula

| ROTEIRO DE UM TELEJORNAL | |
|--|---|
| Nome do Jornal: Jornal Monteiro Lobato | |
| Apresentador: Vinicius | |
| Assunto: policial - violência urbana | |
| Repórteres: Nicolle, Jhenifer, Ana Júlia | |
| IMAGEM Ponte da Amizade. Mulher envolvida no contrabando das Lambretas. Cenas da feira. Fotos diversas referente as notícias. | ÁUDIO Vinheta Notícia: "Idosa é presa por contrabando" Notícia: "Mulher é morta pelo ex-marido" Notícia: "Senhora dá voz de assalto em feira" Reportagem: "Violência Urbana" Entrevista: Tenente Souza |

Fonte: autoria própria

IDOSA É PRESA POR CONTRABANDO

Hoje, por volta das 6 horas da manhã, uma senhora de 78 anos, conhecida como Dolores Lundes da Silva, foi detida pela Polícia Rodoviária, na fronteira do Paraguai com o Rio Grande do Sul.

A idosa, que reside em Quaiara, no Paraná, foi levada pela Polícia Federal à delegacia, onde confessou o contrabando de lambretas. Segundo informações da polícia, a mulher responderá pelo crime e ficará detida até o julgamento.

Texto 1: Produção de texto no projeto: Aluna Lara, aluna do 9 Ano B/2021

Senhora da voz de assalto em feira

São Paulo dia 15 de julho, quinta-feira, uma idosa anunciou assalto na feira onde estava, quando depa-vou-se com o valor do chuchu.

Dona Célia ficou conhecida de uma forma diferente ao gritar "É um assalto, é um assalto". De acordo com os que estavam no local, foi um momento de desespero para todos, por de fato acharem que estava havendo um roubo na feira.

A senhora ficou espantada ao ver que o preço do chuchu sofreu aumento e anunciou o assalto à população presente, a diferença é que ela estava referen-do-se ao valor imposto daquele determinado ali-mento.

Durante o ocorrido, policiais interromperam anunci-ando voz de prisão para a idosa. Dona Célia foi levada e interrogada. Ela explicou aos policiais o motivo por ter causado todo transtorno e logo foi solta para retornar à sua casa.

Texto 2: Produção de texto no projeto: Aluna Ana Júlia, aluna do 9 Ano B/2021

Mulher é morta a tiros pelo ex marido

O assassinato aconteceu no bairro da Constituição por volta das 16.00 horas de ontem. O homem tomou essa atitude por ter pegado sua esposa com outros indivíduos. Misael a matou com apenas 6 tiros de queima roupa.

Segundo testemunhas Maria Eliza e Misael estavam em uma discussão quando ouviram tiros e logo alertaram a polícia.

A mulher foi encontrada morta pela policial Condil, estava em decúbito dorsal, vestida de algodão azul.

Misael foi preso em flagrante e foi levado para a delegacia do Pomeroma.

Texto 3: Produção de texto no projeto: Aluna Nicolle aluna do 9 Ano B/2021



Jornal Monteiro Lobato

7 visualizações · 10 de ago. de 2021



2



0



COMPARTILHAR



SALVAR



Link de acesso: <https://youtu.be/np1zXV-pp7Y>